

3.502

# AMERICANAS

POR

MACHADO DE ASSIS

BIBLIOTÉCA			
SALA	ESTANTE	PRATELEIRA	VOLUME
3	3	2	25
ALCANTARA-MACHADO			

RIO DE JANEIRO

B. L. GARNIER

Livreiro-editor do Instituto Historico

65 RUA DO OUVIDOR 65

1875



869.0 (81) MACHADO DE ASSI  
MAC  
EX. 1

## ADVERTENCIA

O titulo de AMERICANAS explica a natureza dos objectos tratados neste livro, do qual excluí o que podia destoar daquella denominação commum. Não se deve entender que tudo o que aqui vae seja relativo aos nossos aborígenes. Ao lado de *Potyra* e *Niani*, por exemplo, quadros da vida selvagem, ha *Christã Nova* e *Sabina*, cuja acção é passada no centro da civilisação. Algum tempo, foi opinião que a poesia brasileira devia estar toda, ou quasi toda, no elemento indigena. Veiu a reacção, e adversarios não menos competentes que sinceros, absoluta-

mente o excluíram do programma da litteratura nacional. São opiniões extremas, que, pelo menos, me parecem discutíveis.

Não as discutirei, agora, que não é azado o en-sejo. Direi somente que, em meu entender, tudo pertence á invenção poetica, uma vez que traga os caracteres do bello e possa satisfazer as condições da arte. Ora, a indole e os costumes dos nossos aborigenes estão muita vez nesse caso ; não é preciso mais para que o poeta lhes dê a vida da ins-piração. A generosidade, a constancia, o valor, a piedade hão de ser sempre elementos de arte, ou brilhem nas margens do Scamandro ou nas do Tocantins. O exterior muda ; o capacete de Ajax é mais classico e polido que o kanitar de Itajuba ; a sandalia de Calypso é um primor de arte que não achâmos na planta nua de Lindoya. Ésta é, porém, a parte inferior da poesia, a parte acces-soria. O essencial é a alma do homem.

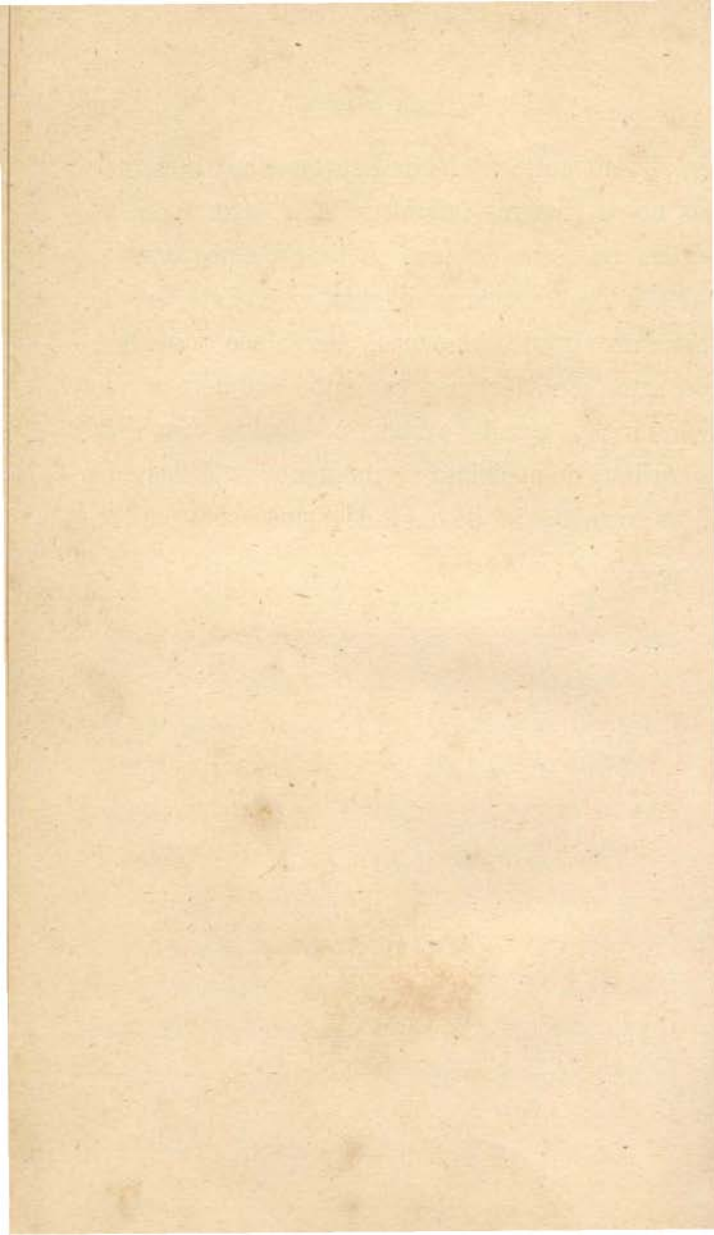
Das qualidades boas, e ainda excellentes, dos nossos indios, andam cheias as relações historicas. Era agreste e rudimentario o estado delles ; medeia



um abysmo entre a taba de Uruçamirim e qualquer dos nossos bairros inferiores. Mas, com todas as feições grosseiras de uma civilisação embryonaria, havia alli os caracteres de uma raça forte, e não communs virtudes humanas. Montaigne, que lhes consagrou um affectuoso capítulo, enumera o que achou nelles grande e bom, e conclue com ésta pontasinha de maliciosa ingenuidade : « Mais quoi ! ils ne portent point de hault de chausses ! »

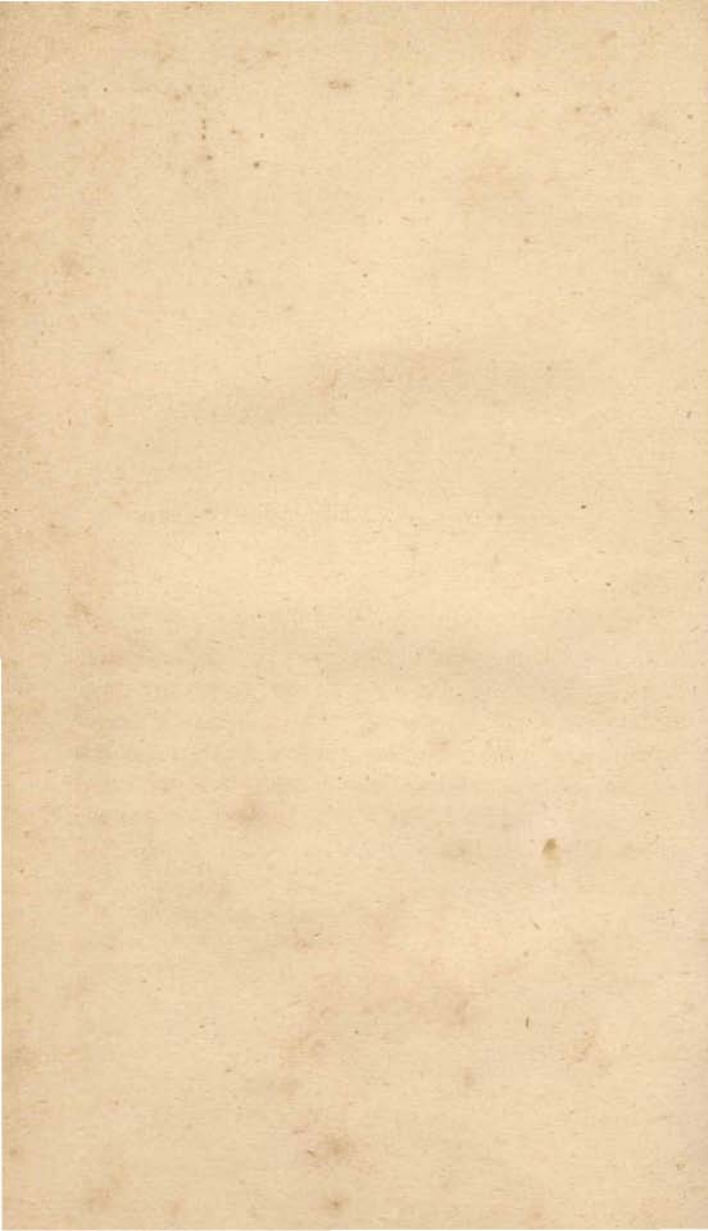
1875.

M. A.



. . . . . filha melhor do Eterno,  
America!

G. DIAS, *Tymb.* c. III.



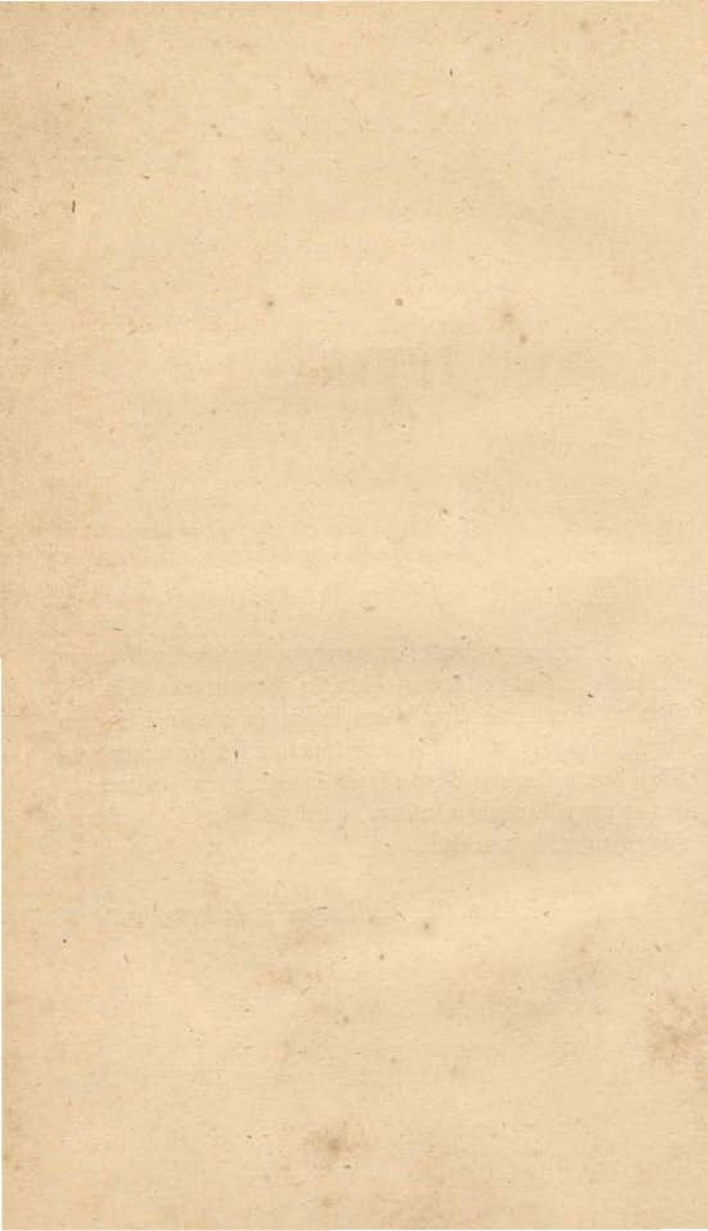
## POTYRA

---

. . . Os Tamoyos, entre outras presas que fizeram, levaram ésta india, a qual pretendeu o capitão da empreza violar: resistiu valorosamente dizendo em lingua brasilica: « Eu sou christã e casada; não heide fazer traição a Deus e a meu marido; bem pôdes matar-me e fazer de mim o que quizeres. » Deu-se por affrontado o barbaro, e em vingança lhe acabou a vida com grande crueldade.

VASC. *Chr. da Companhia de Jesus*, liv. 3º





## POTYRA

Se, poi ch'a morte il corpo le percosse,  
Desse almen vita alla memoria d'ella.

ARIOSTO, *Orl. Fur.* c. XXIX, est. XXXI.

### I

Moça christã das solidões antigas,  
Em que aurea fo'ha reviveu teu nome?  
Nem o echo das mattas seculares,  
Nem a voz das sonoras cachoeiras,  
O transmittiu aos seculos futuros.  
Assim da tarde estiva ás auras frouxas

Tenue fumo do colmo no ar se perde ;  
Nem de outra sorte em moribundos labios  
A humana voz expira. O horror e o sangue  
Da miseranda scena em que, de envolta  
Co'os longos, magoadissimos suspiros,  
Christã Lucrecia, abriu tua alma o voo  
Para subir ás regiões celestes,  
Mal deixada memoria aos homens lembra.  
Isso apenas ; não mais ; teu nome obscuro,  
Nem tua campa o brasileiro os sabe.

Ja da férvida luta os ais e os gritos  
Extinctos eram. Nos baixeis ligeiros  
Os tamoyos incolumes embarcam ;  
Ferem co'os remos as serenas ondas  
Até surgirem na remota aldêa.  
Atrás ficava, luctuosa e triste,  
A nascente cidade brazileira,  
Do inopinado assalto espavorida,  
Ao ceu mandando em còro inuteis vozes.  
Vinha ja perto rareando a noite,  
Alva aurora, que á vida accorda as selvas,  
Quando a aldêa surgiu-aos olhos torvos

Da expedição nocturna. A' praia saltam  
Os vencedores em tropel ; transportam  
A's cabanas despojos e vencidos,  
E, da vigilia fatigados, buscam  
Na curva, leve rede amigo somno,  
Excepto o chefe. Oh ! esse não dormira  
Longas noites, se a trôco da victoria  
Precisas fossem. Traz consigo o premio,  
O desejado premio. Desmaiada  
Conduz nos braços tremulos a moça  
Que renegou Tupan, e as velhas crenças  
Lavou nas aguas do baptismo santo.  
Na rede ornada de amarellas pennas  
Brandamente a depõe. Leve tecido  
Da captiva gentil as fórmãs cobre ;  
Veste-as de mais a sombra do crepusculo,  
Sombra que a tibia luz da alva nascente  
De todo não rompeu. Inquieto sangue  
Nas veias ferve do indio. Os olhos luzem  
De concentrada raiva triumphante.  
Amor talvez lhes lança um leve toque  
De ternura, ou já soffrego desejo ;  
Amor, como elle, asperrimo e selvagem,  
Que outro não sente o heroe.



### III

#### Heroe lhe chamam

Quantos o hão visto no fervor da guerra  
Medo e morte espalhar entre os contrarios  
E avantajar-se nos certos golpes  
Aos mais fortes da tribu. O arco e a flecha  
Desde a infancia os meneia ousado e affouto ;  
Cedo aprendeu nas solitarias brenhas  
A pleitear ás feras o caminho.  
A fôrça oppõe á fôrça, a astucia á astucia.  
Qual se da onça e da serpente houvera  
Colhido as armas. Traz ao collo os dentes

Dos contrarios vencidos. Nem dos annos  
O número supera o das victórias ;  
Tem no espaçoso rosto a flor da vida,  
A juventude, e goza entre os mais bellos  
De real primazia. A cinta e a fronte  
Azues, vermelhas plumas alardeam ,  
Ingenuas galas do gentio inculto. ]

#### IV

Da captiva gentil cerrados olhos  
Não se entreabrem á luz. Morta parece.  
Uma so contracção lhe não perturba  
A paz serena do mimoso rosto.  
Junto della, cruzados sobre o peito  
Os braços, Anagê contempla e espera ;  
Soffrego espera, em quanto ideias negras  
Estão a revoar-lhe em torno e a encher-lhe  
A mente de projectos tenebrosos.  
Tal no cimo do velho Corcovado  
Proxima tempestade engloba as nuvens.  
Subito ao seio turgido e macio

Anciosas mãos estende ; inda palpita  
O coração, com desusada fôrça,  
Como se a vida toda alli buscasse  
Refúgio certo e último. Impetuoso  
O vestido christão lhe despedaça,  
E á luz ja viva da manhã recente  
Contempla as nuas fórmas. Era acaso  
A syncope chegada ao termo proprio,  
Ou, no pejo offendida, ás mãos entranhas  
A desmaiada moça despertára.  
Potyra accorda, os olhos lança em tórno,  
Fita, ve, comprehende, e inquieta busca  
Fugir do vencedor ás mãos e ao crime...  
Misera ! oppõe-se-lhe o irritado gesto  
Do asperrimo guerreiro ; um ai lhe sobe  
Angustioso e triste aos labios tremulos,  
Sobe, murmura e suffocado expira.  
Na rede envolve o corpo, e, desviando  
Do terrivel tamoyo os lindos olhos,  
Entrecortada prece aos ceus envia,  
E as faces banha de serenas lagrymas.

## V

Longo tempo corrêra. Amplo silêncio  
Reinou entre ambos. Do tamoyo a fronte  
Pouco a pouco despira o torvo aspecto.  
Ao trabalhado espirito, revólto  
De mil sinistros pensamentos, volve  
Benigna calma. Tal de um rio engrossa  
O volume extensissimo das aguas  
Que vão enchendo de pavor os echos,  
Vencendo no arruido o vento e o raio,  
E pouco a pouco attenuando as vozes,  
Adelgaçando as ondas, tornam mansas  
Ao primitivo leito. Ei-lo se inclina,



Para tomar nos braços a formosa  
Por cujo amor incendiára a aldêa  
Daquellas gentes pallidas de Europa.  
Sente-lhe a moça as mãos, e erguendo o rosto,  
O rosto inda de lagrymas molhado,  
Do coração éstas palavras sóla :  
« — La entre os meus, suave e amiga morte,  
Ah ! porque me não deste ? Houvera ao menos  
Quem escutasse de meus labios frios  
A prece derradeira ; e a santa benção  
Levaria minha alma aos pes do Eterno...  
Não, não te peço a vida ; é tua, extingue-a ;  
Um so allivio imploro. Não receies  
Embeber no meu sangue a ervada setta ;  
Mata-me, sim ; mas leva-me onde eu possa  
Ter em sagrado leito o último somno ! »  
Disse, e fitando no indio avidos olhos,  
Esperou. Anagê sacode a fronte,  
Como se lhe pesára ideia triste ;  
Crava os olhos no chão ; lentas lhe sahem  
Éstas vozes do peito.

« Oh ! nunca os padres  
Pisado houvessem éstas plagas virgens !  
Nunca de um deus estranho as leis ignotas  
Viesses perturbar as tribus, como

Perturba o vento as aguas ! Rosto a rosto  
Os guerreiros pelejam ; matam, morrem.  
Ante o fulgor das armas inimigas  
Não descora o tamoyo. Assaz lhe pulsa  
Valor nativo e raro em peito livre.  
Armas, deu-lh'as Tupan novas e eternas  
Nestas mattas vastissimas. De sangue  
Estranhos rios hão de, ao mar correndo,  
Tristes novas levar á patria delles,  
Primeiro que o tamoyo a frente incline  
Aos inimigos peitos. Outra fôrça,  
Outra e maior nos move a guerra crua ;  
São elles, são os padres. Esses mostram  
Cheia de riso a boca e o mel nas vozes,  
Serenos o rosto e as brancas mãos inermes ;  
Ordens não trazem de cacique estranho,  
Tudo nos levam, tudo. Uma por uma  
As filhas de Tupan correm trás elles,  
Com ellas os guerreiros, e com todos  
A nossa antiga fe. Vem perto o dia  
Em que, na immensidão destes desertos,  
Ha de ao frio luar das longas noites  
O pagé suspirar sozinho e triste  
Sem povo nem Tupan ! »

VI

Silenciosas

Lagrymas lhe espremeu dos olhos negros  
Ésta lembrança de futuros males.

« — Escuta ! » diz Potyra. O indio estende  
Imperioso as mãos e assim prosegue :

« — Tambem com elles foste, e foi contigo  
Da minha vida a flor ! Teu pai mandára,  
E com elle mandou Tupan que eu fosse  
Teu esposo ; vedou-m'o a voz dos padres,  
Que me perdeu, levando-te comsigo.  
Não morri ; vivi so para ésta affronta ;

Vivi para ésta insolita tristeza  
De maldizer teu nome e as graças tuas,  
Chorar-te a vida e desejar-te a morte.  
Ai ! nos rudes combates em que a tribu  
Rega de sangue o chão da virgem terra  
Ou tinge a flor do mar, nunca a meu lado  
Teu nobre vulto esteve. A aldêa toda,  
Mais que o teu coração, ficou deserta.  
Duas vezes, mimosas rebentaram  
Do lacrymoso cajueiro as flores,  
Desde o dia funesto em que deixaste  
A cabana paterna. O extremo lume  
Expirou de teu pai nos olhos tristes ;  
Piedosa chamma consumiu seus restos  
E a aldêa toda o lastimou com prantos.  
Não de todo se foi da nossa vida ;  
Parte ficou para sentir teus males.  
Antes que o último sol á melindrosa  
Flor do maracujá cerrasse as folhas  
Um sonho tive. Mereñcorio vulto,  
Triste como uma fronte de vencido,  
Côr da lua os cabellos venerandos,  
O vulto de teu pae : « Guerreiro (disse),  
« Corre á vizinha habitação dos brancos,  
« Vai, arranca Potyra á lei funesta

« Dos pallidos pagés ; Tupan t'o ordena ;  
« Nos braços traz a fugitiva corça ;  
« Vincula o teu destino ao della ; é tua. »  
— « Impossivel ! Que vale um vago sonho ?  
Sou espôsa e christã. Impio, respeita  
O amor que Deus protege e sanctifica :  
Mata-me ; a minha vida te pertence :  
Ou, se te peza derramar o sangue  
Daquella a quem amaste, e por quem foste  
Lançar entre os christãos a dor e o susto,  
Faze-me escrava ; servirei contente  
Emquanto a vida allumiar meus olhos.  
Toma, entrego-te o sangue e a liberdade ;  
Ordena ou fere. Tua espôsa, nunca ! »  
Calou-se, e reclinada sôbre a rede,  
Potyra murmurava ignota prece,  
Olhos fitos no proximo arvoredado,  
Olhos não ermos de profunda magua.



## VII

O' Christo, em que alma penetrou teu nome  
Que lhe não dêsse o balsamo da vida ?  
Pelo vento dos seculos levado,  
Vidente e cego, o maximo dos seres,  
Que fôra do homem nesta escassa terra,  
Se ao mysterio da vida lhe não dêsse,  
O' Christo, a eterna chave da esperança ?  
Philosophia stoica, ardua virtude,  
Creação de homem, tudo passa e expira.  
Tu so, filha de Deus, palavra amiga,  
Tu, suavissima voz da eternidade,

Tu perduras, tu vales, tu confortas.  
Neste sonho iriado de outros sonhos,  
Varios como as feições da natureza,  
Nesta confusa agitação da vida,  
Que alma transpõe a derradeira idade  
Farta de algumas passageiras glórias ?  
Torvo é o ar do sepulchro ; alli não viçam  
Essas cansadas rosas da existencia  
Que ás vezes tantas lagrymas nos custam,  
E tantas mais antes do occaso expiram.  
Flor do Evangelho, nuncia de alvos dias,  
Esperança christã, não te ha murchado  
O vento arido e sêcco ; és tu viçosa  
Quando as da terra languidas inclinam  
O seio, e a vida lentamente exhalam.  
Ésta a consolação última e doce  
Da espôsa indiana foi. Captiva ou morta,  
Antevia a celeste recompensa  
Que aos humildes reserva a mão do Eterno.  
Naquelle rude coração das brenhas  
A semente evangelica brotára

VIII

Das duas condições deu-lhe o guerreiro  
A peor, — fel-a escrava ; e eil-a apparece  
Da sua aldeia aos olhos espantados  
Qual fôra em dias de melhor ventura.  
Despida vem das roupas que lhe ha posto  
Sôbre as polidas fôrmas uso extranho,  
Não sabido jamais daquelles povos  
Que a natureza ingeñua doutrinára.  
Vence na gentileza ás mais da tribu,  
E tem de sobra um sentimento novo,

Pudor de espôsa e de christã, — realce  
Que ao indio accende a natural volupia.  
Simulada alegria lhe descerra  
Os labios ; riso á flor, escasso e dubio,  
Que mal lhe encobre as vergonhosas maguas.  
Á voz do seu senhor accorre humilde ;  
Não a assusta o labor ; nem dos perigos  
Conhece os medos. Nas ruidosas festas,  
Quando ferve o cauim, e o ar atrôa  
Pocema de alegria ou de combate,  
Como que se lhe fecha a flor do rosto.  
Ja lhe descae então no seio oppresso  
A graciosa frente ; os olhos fecha,  
E ao ceu voltando o pensamento puro,  
Menos por si, que pelos outros pede.  
Nem so o ardor da fe lhe abraza o peito ;  
Lacera-lh'o tambem agra saudade ;  
Chora a separação do amado espôso,  
Que, ou cedo a esquece, ou solitario geme.  
Si, alguma vez, fugindo a extranhos olhos,  
Não ja crueis, mas cubiçosos della,  
Entra desatinada o bosque antigo,  
Co'o doce nome accorda ao longe os echos,  
E a dor expande em lobregos soluços,  
Farta de amor e pródiga de vida,

Ouve-as a selva, e não lhe entende as maguas.  
Outras vezes pisando a ruiva areia  
Das praias, ou galgando a penedia  
Cujos pes orla o mar de nivea espuma,  
As ondas murmurantes interroga :  
Conta ao vento da noite as dores suas ;  
Mas...fieis ao destino e á lei que as rege,  
As preguiçosas ondas vão caminho,  
Crepas do vento que sussurra e passa.

## IX

Quando, ao sol da manhã, partem ás vezes,  
Com seus arcos, os destros caçadores,  
E alguns da rija estaca desatando  
Os nós de embira ás rapidas igaras,  
A' pesca vão pelas ribeiras proximas;  
Das espôsas, das mães que os lares velam,  
Grata alegria os corações innunda,  
Menos o della, que suspira e geme,  
E não aguarda doce espôso ou filho.  
Triste os ve na partida e no regresso,  
E nessa melancholica postura,  
Simelha a acacia langue e esmorecida,  
Que ja de orvalho ou sol não pede os beijos.



As outras... — Raro em labios de felizes  
Alheias maguas travam. Não se pejam  
De seus olhos azues e alegres pennas  
Os sahis sôbre as arvores pousados,  
Se ao perto voa na campina verde  
De anuns luctuoso bando ; nem os trillos  
Das andorinhas interrompe a nota  
Que a juryty suspira. — As outras folgam  
Pelo arraial dispersas ; vão-se á terra  
Arrancar as raizes nutritivas,  
E fazem os preparos do banquete  
A que hão de vir mais tarde os destemidos  
Senhores do arco, alegres vencedores  
De quanto vive na agua e na floresta.  
Da captiva nenhuma inquire as maguas.  
Comtudo, algumas vezes, curiosas  
Virgens lhe dizem, apiedando o gesto :  
— « Pois que á taba voltaste, em que teus olhos  
Primeiro viram luz, que magua funda  
Lhes distilla tão longo e amargo pranto,  
Amargo mais do que esse que não busca  
Recatado silêncio ? » — E ás doces vozes  
A christã desterrada assim responde :  
— « Potyra é como aquella flor que chora  
Lagrymas de alvo leite, se do galho

Mão cruel a cortou. Oh ! não permitta  
O ceu que ímpia fortuna vos separe  
Daquelle que escolherdes. Dor é essa  
Maior que um pobre coração de espôsa.  
Esperanças... Deixei-as nessas aguas  
Que me trouxeram, complices do crime,  
A' taba de Tupan, não allumiada  
Da palavra celeste. Algumas vezes,  
Raras, alveja em minha noite escura.  
Não sei que tibia aurora, e penso : Acaso  
O sol que vem me guarda um raio amigo,  
Que hade accender nestes cansados olhos  
Ventura que ja foi. As azas colhe  
Guanumby, e o aguçado bico embebe  
No tronco, onde repousa adormecido  
Até que volte uma estação de flores.  
Ventura imita o guanumby dos campos :  
Accordará co'as flores de outros dias.  
Doce illusão que rapido se escoo,  
Como o pingo de orvalho mal fechado  
N'uma folha que o vento agita e entorna. »  
E as virgens dizem, apiedando o gesto :  
— « Potyra é como aquella flor que chora  
« Lagrymas de alvo leite, se do galho  
« Mão cruel a cortou ! »

X

Era chegado

O fatal prazo, o desenlace triste.  
Tudo morre, — a tristeza como o gozo ;  
Rosas de amor ou lyrios de saudade,  
Tarde ou cedo os esfolha a mão do tempo.  
Costeando as longas praias, ou transpondo  
Extensos valles e montanhas, correm  
Mensageiros que ás tabas mais vizinhas  
Vão convidar á festa as gentes todas.  
Era a festa da morte. Indio guerreiro,  
Trez luas ha captivo, o instante aguarda

Em que ás mãos de inimigos vencedores,  
Cáia expirante, e os vinculos rompendo  
Da vida, a alma remonte além dos Andes.  
Corre de boca em boca e de echo em echo  
A alegre nova. Vem descendo os montes,  
Ou abicando ás povoadas praias  
Gente da raça illustre. A onda immensa  
Pelo arraial se estende pressurosa.  
De quantas côres natureza fertil  
Tinge as proprias feições, copiam elles  
Engraçadas, vistosas louçanias.  
Varios na idade são, varios no aspeito,  
Todos eguaes e irmãos no herdado brio.  
Dado o amplexo de amigo, acompanhado  
De suspiros e pesames sinceros  
Pelas fadigas da viagem longa,  
Rompem ruidosas dansas. Ao tamoyo  
Deu o Ibake os segredos da poesia ;  
Cantos festivos, moduladas vozes,  
Enchem os ares, celebrando a festa  
Do sacrificio proximo. Ah ! não cubra  
Veu de nojo ou tristeza o rosto aos filhos  
Destes polidos tempos ! Rudes eram  
Aquelles homens de asperos costumes,  
Que ante o sangue de irmãos folgavam livres,

E nós, soberbos filhos de outra idade,  
Que a voz fallamos da razão severa  
E na luz nos banhamos do Calvario,  
Que somos nós mais que elles ? Raça triste  
De Cains, raça eterna...

XI

Os cantos cessam.

Calou-se o maracá. As roucas vozes  
Dos fêrvidos guerreiros já reclamam  
O brutal sacrificio. A's mãos das servas  
A taça do canim passára exausta.  
Inquieto aguarda o prisioneiro a morte.  
Da nação guayanaz nos rudes campos  
Nasceu. Nos campos da saudosa patria  
Industriosa mão não sabe ainda  
Alevantar as tabas. Cova funda  
Da terra, mãe commum, no seio aberta,



Os acolhe e protege. O chão lhes forra  
A pelle do tapir ; continua chamma  
Lhes suppre a luz do sol. É uso antigo  
Do guayanaz que chega a extrema idade,  
Ou de mortal doença accomettido,  
Não expirar aos olhos de outros homens ;  
Vivo o guardam no bojo da igaçaba,  
E á fria terra o dão, como se fôra  
Pasto melhor ( melhor ! ) aos frios vermes.  
Do almo, doce licor que extrahe das flores  
Mãe do mel, iramaya, larga cópia  
Pelos robustos membros lhe coaram  
Seis anciãs da tribu. Rubras pennas  
Na vasta frente e nos nervosos braços  
Garridamente o enfeitam. Longa e forte  
A mussuranna os rins lhe cinge e aperta.  
Entra na praça o funebre cortejo.  
Olhar tranquillo, inda que fero, espalha  
O indomado captivo. Em pe, defronte,  
Grave, silencioso, ao sol mostrando  
De feias côres e vistosas plumas  
Singular harmonia, aguarda a victima  
O executor. Nas mãos lhe pende a enorme  
Tagapema enfeitada, arma certa,  
Arma triumphal de morte e de exterminio.

Medem-se rosto a rosto os dous contrarios  
C'um sorriso feroz. Confusas vozes  
Enchem subito o espaço. Não lhe é dado  
Ao vencido guerreiro haver a morte  
Silenciosa e triste em que se passa  
Da curva rede á fria sepultura.  
Meigas aves que vão de um clima a outro  
Abrem placidamente as azas leves,  
Não tu, guerreiro, que encaraste a morte,  
Tu combate! Vencido e vencedores  
Derradeiros escarneos se arremessam;  
Gritos, injúrias, convulsões de raiva,  
Vivo clamor accorda os longos echos  
Das penedias proximas. A clava  
Do executor gyrou no ar tres vezes  
E de leve cahiu na grossa espadua  
Do arquejante captivo. Já na boca,  
Que o desprêzo e o furor n'um riso entreabrem,  
Orla de espuma alveja. Avança, corre,  
Estaca... Não lhe dá mais amplo espaço  
A mussurana, cujas pontas tiram  
Dous mancebos robustos. Nas cavernas  
Do longo peito lhe murmura o odio,  
Surdo, como o rumor da terra inquieta,  
Pejada de vulcões. Os labios morde,

E, como derradeira injúria, á face  
Do executor lhe cospe espuma e sangue.  
Não vibra o arco mais veloz o tiro,  
Nem mais segura no aterrado cervo  
Feroz succuriuba os nós enrosca,  
Do que a pesada, enorme tagapema  
A cabeça de um golpe lhe esmigalha.  
Cae fulminada a victima na terra,  
E alegre o povo longamente applaude.

XII

Na voz universal perdeu-se um grito  
De piedade e terror : tão fundo entrára  
Naquella alma roubada á noite escura  
Raio de sol christão ! Potyra fuge,  
Pelos bosques atonita se entranha  
E pára á margem de um pequeno rio ;  
Pousa na relva os tremulos joelhos  
E nas mimosas mãos esconde o rosto.  
Não de lagrymas era aquelle sitio  
Ou so de doces lagrymas choradas  
De olhos que amor venceu : — macia relva,

Leito de sesta a amores fugitivos.  
Da verde, rara abobada de folhas  
Tepida e doce a luz coava a frouxo  
Do sol, que além das arvores tranquillo,  
Metade da jornada ia transpondo.  
Longe era ainda a hora melancholica  
Em que a geremma cerra a miuda folha,  
E o lume azul o pyrilampo accende.  
De pe, a um velho tronco descoroado  
Da copada ramagem, resto apenas,  
Vestigio do tufão, a indiana moça  
Languidamente encosta o esbelto corpo.  
Neste ameno recesso tudo é triste,  
Porque é alegre tudo. Não mui longe  
Um desfolhado ipê conserva e guarda  
Flores que lhe ficaram de outro estio,  
Como esperança de folhagem nova,  
Flores que a desventura lhe ha negado,  
A ella, alma esquecida nesta terra,  
Que nada espera da estação vindoura.  
Olha, e de inveja o coração lhe estalla;  
Pelo tronco das árvores se enroscam  
Parasitas, espôsas do arvoredos,  
Mais fieis não, mais venturosas que ella.  
Morrer? Descanço fôra ás maguas suas,



Mais que descanso, perduravel gozo,  
Que a nossa eterna patria aos infelizes  
Deste destêrro, guarda alvas capellas  
De não-murchandas e cheirosas flores.  
Tal lhe fallava no íntimo do peito  
Desespêro cruel. Alguns instantes  
Pela cansada mente lhe vagaram  
De voluntaria, abreviada morte  
Luctuosas ideias. Mal comprehende  
Esses desmaios da creatura humana  
Quem não sentiu no coração rasgado  
Abatimento e enôjo ; ou, do mais que isto,  
Esse contraste immenso e irreparavel  
Do amor interno e a solidão da vida.  
Rapido espaço foi. Prompto lhe volve  
Doce resignação, christã virtude,  
Que desafia e que assoberba os males.  
As deveis mãos levanta. Já dos labios  
Sólta nas azas de oração singella  
Lástimas suas... Na folhagem sêcca  
Ouve de cantos pes rumor sumido  
Volve a cabeça...



### XIII

Trêmulo, calado,

Anagê crava n'ella os olhos turvos  
Dos vapores da festa. As mãos inermes  
Lhe pendem ; mas o peito — ó misera ! — esse,  
Esse de mal contido amor transborda.  
Longo instante passou. Alfim : « Deixaste  
A festa nôssa (o barbaro murmura) ;  
Mysteriosa vieste. Dos guerreiros  
Nenhum te viu ; mas eu senti teus passos,  
E vim contigo ao êrmo. Ave mesquinha,  
Inutil foges ; gavião te espreita,

Minha te fez Tupan. » Em pe, sorrindo  
Escutava Potyra a voz severa  
De Anagê. Breve espaço abria entre ambos  
Alcatifado chão. A fatal hora  
Chegára alfim ? Não o prescruta a moça ;  
Tudo acceita das mãos do seu destino,  
Tudo, excepto... No proximo arvoredó  
Ouve de uma ave o pio melancholico ;  
Era a voz de seu pae ? a voz do espôso ?  
De ambos talvez. No ânimo da escrava  
Restos havia d'essa crença antiga,  
Antiga e sempre nova : o peito humano  
Raro de obscuros elos se liberta.

XIV

— « Nasceste para ser senhora e dona :  
Anagè não te veda a liberdade ;  
Quebra tu mesma os nós do captiveiro.  
Faze-te espôsa. Vem coroar meus dias ;  
Vem, tudo esqueço. A fronte do guerreiro,  
Adornada por ti, sera mais nobre ;  
Mais forte o braço em que pousar teu rosto.  
Sou menos bello que esse espôso ausente ?  
Rudes feições compensa amor sobejo.  
Vem ; ser-me-has companheira nos combates,  
E, se inimiga frecha entrar meu seio,

Morrerei a teus pes. Tens medo aos padres ?  
Outro destino escolhe. Cauteloso,  
Tece o japú nos elevados ramos  
Das elevadas árvores o ninho,  
Onde o inimigo lhe não roube a prole.  
Ninho ha na serra ao nosso amor propício ;  
Viveremos alli. Troveje em baixo  
A inubia convidando á guerra os povos ;  
Leva de arcos transforme éstas aldêas  
Em campos de combate, — ou ja dispersas  
As fugitivas tribus vão buscando  
Longes sertões para chorar seus males,  
Viveremos alli. Talvez um dia  
Quando eu passar á mysteriosa estância  
Das delicias eternas, me pergunte  
Meu velho pai : — « Teu arco de guerreiro  
Em que deserta praia o abandonaste ? »  
Salvar-me-ha teu amor do eterno péjo. »

XV

Doce era a voz e triste. Rasos d'agua  
 Os olhos. Foi desmaio de tristeza  
 Que o gesto dissipou da esquiva moça.  
 Volve ao Tamoyo vingativa ideia.  
 — « Minha ( diz elle ) ou morres ! » Estremece  
 Potyra, como quando a brisa passa  
 Ao de leye na folha da palmeira,  
 E logo fria ao barbaro responde :  
 — « Jaz esquecida em nossas velhas tabas  
 O respeito da espôsa ? Acaso é digna  
 Do sangue do Tamoyo ésta ameaça ?

Que desvalia aos olhos teus me coube,  
Se a outro me ligaram natureza,  
Religião, destino ? A liberdade  
Nas tuas mãos depuz ; com ella a vida.  
É tudo, quasi tudo. Honra de espôsa,  
Oh ! essa debes respeit-a ! Vai-te !  
Ceva teu odio nas sangrentas carnes  
Do prostrado captivo. Aqui chorando,  
Na soidão d'estes bosques mal fechados,  
A's maviosas brisas meus suspiros  
Entregarei ; leval-os-hão nas azas  
La onde geme solitario espôso.  
Vai-te ! » E as mimosas mãos colhendo ao rosto,  
Alçou a Deus o pensamento amante,  
Como a scintella viva que a fogueira  
Extincta aos ares sobe. Immoavel, muda,  
Longo tempo ficou. Diante d'ella,  
Como ella immoavel, o tamoyo estava.  
Amor, odio, ciume, orgulho, pena,  
Oppostos sentimentos se combatem  
No attribulado peito. Generoso  
Era, mas não domado amor lhe dava  
Inspiração de crimes. Não mais prompto  
Cae sobre a triste corça fugitiva  
Jaguar de longa fome esporeado,



Do que elle as mãos lançou ao collo e à fronte  
Da mísera Potyra. Ai! não, não diga  
A minha voz o lamentoso instante  
Em que ella, ao seu algoz volvendo anciosa  
Turvos olhos: « Perdoe-te! » murmura,  
Os labios cerra e immaculada expira!

XVII

Estro maior teu nome obscuro cante,  
Moça christã das solidões antigas,  
E eterno o cinja de virentes flores,  
Que as mereces. De não sabido bardo  
Estes gemidos são. Languidas brisas  
No taquaral á noite sussurrando,  
Ou enrugando o molle dorso ás vagas,  
Não tem a voz com que domina os echos  
Despenhada cachoeira. São, comtudo,

Mas que deveis e tristes, no concerto  
Da orchestra universal cabidas notas.  
Alveja a nebulosa entre as estrêllas,  
E abre ao pe do rosal a flor da murta.

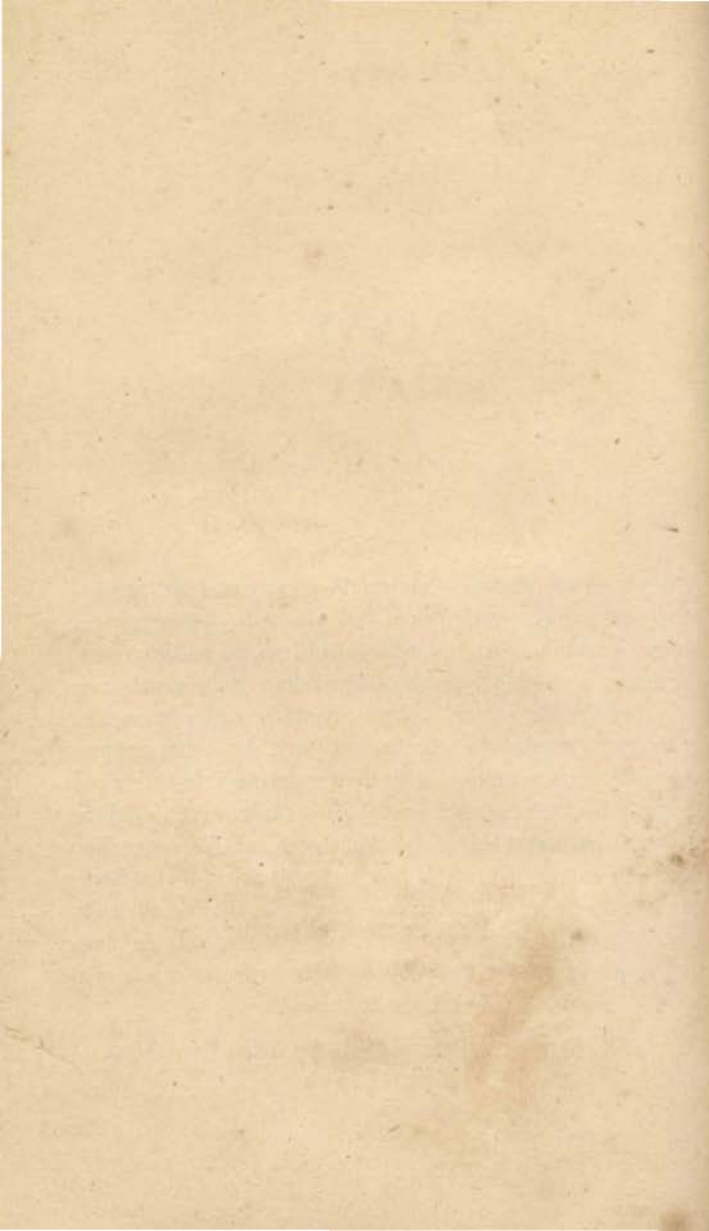


# NIANI

(HISTORIA GUAYCURU)

Desde então cobriu-se Nanine de uma mortal melancolia, sendo seus olhos sempre chorosos. Assim se passaram trez mezes, quando um dia, estando deitada na sua rustica cama, lhe deram a noticia que seu desleal marido se tinha casado com uma rapariga de menor esphera. Senta-se então Nanine na cama, como arrebatada, chama para junto de si um pequeno indio que era seu captivo, e diz-lhe na presença de varios antecris :- «E's meu captivo ; dou-te a liberdade, com a condição de que te chamarás todo a vida Panenioxé. » Então seus olhos deixaram correr diluvios de lagrymas pelas suas tristes faces, que ella de envergonhada quiz occultar, mas o amor offendido não o permitia. Parece que esta violenta contenda de duas poderosas paixões lhe motivou uma febre ardente, com a qual ao outro dia perdeu a vida.

F. RODRIGUES PRADO, *Hist. dos Indios Cavalleiros.*





# NIANI

..... que piagne  
Vedova, sola.

DANT. *Purgat.* VI.

I

Contam-se histórias antigas  
Pelas terras de além-mar,  
De moças e de princezas,  
Que amor fazia matar.

4

Mas amor que entranha n'alma  
E a vida soe acabar,  
Amor é de todo o clima,  
Bem como a luz, como o ar.

Morrem delle nas florestas  
Aonde habita o jaguar,  
Nas margens dos grandes rios  
Que levam troncos ao mar.

Agora direi um caso  
De muito penalisar,  
Tão triste como os que contam  
Pelas terras de além-mar.

II

Cabana que esteira cobre  
De junco trançado a mão,  
Que agitação vae por ella!  
Que ledas horas lhe vão!

Panenioxe é guerreiro  
Da velha, dura nação,  
Cayavaba ha ja sentido  
A sua lança e facão.

Vem de longe, chega á porta  
Do afamado capitão ;  
Deixa a lança e o cavallo,  
Entra com seu coração.

A noiva que elle lhe guarda  
Moça é de nobre feição,  
Airosa como agil corça  
Que corre pelo sertão.

Amores eram nascidos  
Naquella tenra estação,  
Em que a flor que hade ser flor  
Inda se fecha em botão.

Muitos agora lhe querem,  
E muitos que fortes são ;  
Niani ao melhor delles  
Não dera o seu coração.

Casal-os agora, é tempo ;  
Casal-os, nobre ancião !  
Limpo sangue tem o noivo,  
Que é filho-de capitão.

III

« — Traze a minha lança, escravo,  
Que tanto peito abateu ;  
Traze aqui o meu cavallo  
Que largos campos correu. »

« — Lança tens e tens cavallo  
Que meu velho pae te deu ;  
Mas aonde te vas agora,  
Onde vas, espôso meu ?

« — Vou-me á caça, junto á cova  
Onde a onça se metteu... »

« — Montada no meu cavallo,  
Vou contigo, espôso meu. »

« — Vou-me ás ribas do Escopil,  
Que a minha lança varreu... »

« — Irei pelear na guerra,  
A teu lado, espôso meu. »

« — Fica-te ahí na cabana  
Onde o meu amor nasceu. »

« — Melhor não haver nascido  
Se ja de todo morreu. »

E uma lagryma, — a primeira  
De muitas que ella verteu, —  
Pela face cobreada  
Lenta, lenta lhe correu.

Enxuga a, não a enxuga  
O espôso que ja perdeu,  
Que elle no chão fita os olhos,  
Como que a voz lhe morreu.



Traz o escravo o seu cavallo  
Que o velho sogro lhe deu ;  
Traz-lhe mais a sua lança  
Que tanto peito abateu.

Então, recobrando a alma,  
Que o remorso esmoreceu,  
Com ésta dura palavra  
Á espôsa lhe respondeu :

« — A bocayuva trez vezes  
No tronco amadureceu,  
Desde o dia em que o guerreiro  
Sua espôsa recebeu.

« Trez vezes ! Amor sobejo  
Nossa vida toda encheu.  
Fastio me entrou no seio,  
Fastio que me perdeu. »

E pulando no cavallo,  
Sumiu-se.... desapareceu...  
Pobre moça sem marido,  
Chora o amor que lhe morreu !

IV

Leva o Paraguay as aguas,  
Leva-as no mesmo correr,  
E as aves descem ao campo  
Como usavam de descer.

Tenras flores, que outro tempo  
Costumavam de nascer,  
Nascem ; vivem de igual vida ;  
Morrem do mesmo morrer.

Niani, pobre viuva,  
    Viuva sem bem o ser,  
Tanta lagryma chorada  
    Ja te não póde valer.

Olhos que amor desmaiára  
    De um desmaiar que é viver,  
O choro empana-os agora,  
    Como que vão fenecer.

Corpo que fôra robusto  
    No seu cavallo a correr,  
De contínua dor quebrado  
    Mal se póde ja suster.

Collar de prata não usa,  
    Como usava de trazer ;  
Pulseiras de finas contas  
    Todas as veiu a romper.

Que ella, se nada ha mudado  
    Daquelle eterno viver,  
Com que a natureza sabe  
    Renascer, permanecer,

Toda é outra ; a alma lhe morre,  
Mas de um contínuo morrer,  
E não ha magua mais triste  
De quantas podem doer.

Os que out'ora a desejavam,  
Antes della mal haver,  
Vendo que chora e padece,  
Rindo, se põem a dizer :

« — Remador vae na canoa,  
Canoa vae a descer...  
Piranha espiou do fundo  
Piranha, que o vae comer.

« Ninguem se fie da braza  
Que os olhos veem arder ,  
Serenos que cae de noite  
Ha de fazel-a morrer.

Panenioxe, Panenioxe,  
Não lhe sabias querer.  
Quem te pagára esse golpe  
Que lhe vieste fazer ! »

V

Um dia, — era sôbre tarde,  
    Ia-se o sol a afundar ;  
Calumby cerrava as folhas  
    Para melhor as guardar.

Vem cavalleiro de longe  
    E á porta vae apear.  
Traz o rosto carregado,  
    Como noite sem luar.

Chega-se á pobre da moça  
E assim começa a fallar :  
« — Guaycurú doe-lhe no peito  
Tristeza de envergonhar.

« Espôso que te ha fugido  
Hoje se vae a casar ;  
Noiva não é de alto sangue,  
Porém de sangue vulgar. »

Ergue-se a moça de um pulo,  
Arrebatada, e no olhar  
Rebenta-lhe uma faisca  
Como de luz a expirar.

Menino escravo que tinha  
Acerta de ali passar ;  
Niani attentando nelle  
Chama-o para o seu logar.

« — Captivo es tu : seras livre,  
Mas vaes o nome trocar ;  
Nome avesso te pozeram...  
Panenioxé has de ficar. »



Pela face cobreada  
Desce, desce com vagar  
Uma lagryma : era a última  
Que lhe restava chorar.

Longo tempo alli ficára,  
Sem se mover nem fallar ;  
Os que a veem naquella magua  
Nem ousam de a consolar.

Depois um longo suspiro,  
E ia a moça a expirar...  
O sol de todo morria  
E ennegrecia-se o ar.

Pintam-n'a de vivas côres,  
E lhe lançam um collar ;  
Em fina esteira de junco  
Logo a vão amortallar.

O triste pae suspirando  
Nos braços a vae tomar,  
Deita-a sôbre o seu cavallo  
E a leva para enterrar.

Na terra em que dorme agora  
Justo lhe era descansar,  
Que pagou foro da vida  
Com muito e muito penar.

Que assim se morre de amores  
Aonde habita o jaguar,  
Como as princezas morriam  
Pelas terras de além-mar.

# A CHRISTÃ NOVA

..... essa mesma foi levada  
captiva para uma terra extranha.

NAHUM, cap. III, v. 10

## PARTE I

### I

Olhos fitos no ceu, sentado á porta,  
O velho pae estava. Um luar frouxo  
Vinha beijar-lhe a veneranda barba  
Alva e longa, que o peito lhe cobria,

Como a nevoa na encosta da montanha  
Ao destoucar da aurora. Alta ia a noite,  
E silenciosa : a praia era deserta,  
Ouvia-se o bater pausado e longo  
Da somnolenta vaga, — único e triste  
Som que a mudez quebrava á natureza.

II

Assim talvez nas solidões sombrias

Da velha Palestina

Um propheta no espirito volvêra

As desgraças da patria. Quão remota

Aquella de seus paes sagrada terra,

Quão differente desta em que ha vivido

Os seus dias melhores! Vago e doce,

Este luar não allumia os serros

Estereis, nem as últimas ruínas,  
Nem as êrmas planícies, nem aquelle  
Morno silêncio da região que fôra  
E que a história de todo amortalhára.  
O' torrentes antigas ! aguas santas  
De Cedron ! Ja talvez o sol que passa,  
E ve nascer e ve morrer as flores,  
Todas no leito vos seccou, em quanto  
Êstas murmuram placidas e cheias,  
E vão contando ás deleitosas praias  
Esperanças futuras. Longo e longo  
O devolver dos seculos  
Sera, primeiro que a memoria do homem  
Teça a mortalha fria  
Da região que inda tinge o albor da aurora.



### III

Talvez, talvez no espirito fechado  
Do ancião vagueavão lentamente  
Êstas ideias tristes. Juncto á praia  
Era a austera mansão, donde se via  
Desenrolarem-se as serenas vagas  
Do nosso golpho azul. Não a enfeitavam  
As galas da opulencia, nem os olhos  
Entristecia co'o medonho aspecto

Da miseria ; não pródiga nem surda  
A fortuna lhe fôra, mas aquella  
Mediana sobria, que os desejos  
Contenta do philosopho, lhe havia  
Doirado os tectos. Guanabara ainda

Não era a flor aberta

Da nossa idade ; era botão apenas,  
Que rompia do hastil, nascido á beira  
De suas ondas mansas. Simple e rude,  
Ia brotando a juvenil cidade,  
Nestas incultas terras, que a lembrança  
Recordava talvez do antigo povo,  
E o guáu alegre, e as rispidas pelejas,  
Toda essa vida que morreu.

IV

Sentada

Aos pés do velho estava a amada filha,  
Bella como a açucena dos Cantares,  
Como a rosa dos campos. A cabeça  
Nos joelhos do pae reclina a moça,  
E deixa resvalar o pensamento  
Rio abaixo das longas esperanças  
E namorados sonhos. Negros olhos

Por entre os mal fechados  
Cilios estende á serra que recorta  
Ao longe o ceu. Morena é a face linda  
E levemente pallida. Mais bella,  
Nem mais suave era a formosa Ruth  
Ante o rico Booz, do que essa virgem,  
Flor que Israel brotou do antigo tronco,  
Corada ao sol da juvenil America.

V

Mudos viam correr aquellas horas  
Da noite, os dous : elle voltando o rosto  
Ao passado, ella os olhos ao futuro.  
Cançam-lhe enfim ao pensamento as azas  
De ir voando, atravez da espessa treva,  
Frouxas as colhe, e desce ao campo exiguo  
Da realidade. A delicada virgem  
Primeiro volve a si ; os lindos dedos

Corre-lhe ao longo da nevada barba,  
E : — « Pae amigo, que pensar vos leva  
Tão longe a alma ? » Estremecendo o velho :  
— « Curiosa ! — lhe disse, — o pensamento  
É como as aves passageiras : voa  
A buscar melhor clima. — Opposto rumo  
Ias tu, alma em flor, aberta apenas,  
Tão longe ainda do calor da sesta,  
Tão remota da noite... Uma esperança  
Te sorria talvez ? Talvez, quem sabe,  
Uns namorados olhos que me roubem,  
Que te levem... Não côres, filha minha !  
Esquecimento, não ; lembrança ao menos  
Ficar-te-ha do paterno affecto ; e um dia,  
Quando eu na terra descançar meus ossos,  
Haveras doce balsamo no seio  
De affeição juvenil... Sim ; não te accuso ;  
Ama : é a lei da natureza, eterna !  
Ama : um homem sera da nossa raça... »



Éstas palavras taes ouvindo a moça,  
Turbada os olhos descahiu na terra,  
E algum tempo ficou calada e triste,  
Como no azul do ceu o astro da noite,  
Se uma nuvem lhe empana a meio a face.  
Subito a voz e o rosto alevantando,

Com dissimulação, — peccado embora,  
Mas innocente : — « Olhai, a noite é linda !  
O vento encrespa mollemente as ondas,  
E o ceu é todo azul e todo estréllas !  
Formosa, oh ! quão formosa a terra minha !  
Dizei : além desses compridos serros,  
Além daquelle mar, á orla de outros,  
Outras como ésta vivem ? »

VII

Fresca e pura

Era-lhe a voz, voz d'alma que sabia  
Entrar no coração paterno. A fronte  
Inclina o velho sôbre o rosto amado  
De Angela. — Na cabeça ósculo saneto  
Imprime á filha ; e suspirando, os olhos  
Melancholicamente ao ar levanta,

Desce-os e assim murmura :

« Vasô é digno de ti, lyrio dos valles,  
Terra solemne e bella. A natureza  
Aqui pomposa, compassiva e grande,  
No regaço recebe a alma que chora  
E o coração que tumido suspira.  
Comtudo, a sombra pesarosa e errante  
Do povo que acabou pranteia ainda  
Ao longo das arêas,  
Onde o mar bate, ou no cerrado bosque  
Inda povoado das reliquias suas,  
Que o nome de Tupan confessar podem  
No proprio templo augusto. Ultima e forte  
Consolação é ésta do vencido  
Que viu tudo perder-se no passado,  
E unico salva do naufragio immenso  
O seu Deus. Patria não. Uma ha na terra  
Que eu nunca vi... Hoje é ruina tudo,  
E viuvez e morte. Um tempo, emtanto,  
Bella e forte ella foi ; mas longe, longe  
Os dias vão de fortaleza e glória  
Escoados de todo como as aguas  
Que não volvem jamais. Oleo que a unge,  
Finas telas que a vestem, atavios  
De ouro e prata que o collo e os braços lhe ornau,

E a flor de trigo e mel de que se nutre,  
Sonhos, são sonhos do propheta. É morta  
Jerusalem ! Oh ! quem lhe dera os dias  
Da passada grandeza, quando a planta  
Da senhora das gentes sobre o peito  
Pousava dos vencidos, quando o nome  
Do que ha salvo Israel, Moysés... »

« — Não ! Christo,  
Filho de Deus ! So elle ha salvo os homens ! »  
Isto dizendo, a delicada virgem  
As mãos postas ergueu. Uma palavra  
Não disse mais ; no coração, emtanto,  
Murmurava uma prece silenciosa,  
Ardente e viva, como a fe que a anima  
Ou como a luz da alampada  
A que não faltou oleo.

## VIII

### Taciturno

Esteve longo tempo o ancião. Aquella  
Alma infeliz nem toda era de Christo  
Nem toda de Moyses ; ouvia attento  
A palavra da Lei, como nos dias  
Do eleito povo ; mas a doce nota  
Do Evangelho não raro lhe batia



## No alvoroçado peito

Solemniſſima e pura... Descambava  
No entanto a lua. A noite era mais linda,  
E mais auguſta a ſolidão. Na alcova  
Entra a pallida moça. Da parede  
Um Chriſto pende ; ella os joelhos dobra  
Os dedos cruza e reſa,— não ſerena,  
Nem alegre tambem, como costuma,  
Mas a tremer-lhe nos formoſos olhos  
Uma lagryma.

## IX

## A lampada accendida

Sobre a meza do velho, as largas folhas  
Allumia de um livro. O maximo era  
Dos livros todos. A escolhida lauda  
Era a do canto dos captivos que iam  
Pelas ribas do Euphrates, relembrando  
As desgraças da patria. A sos, com elles,  
Suspira o velho aquelle psalmo antigo :

Juncto aos rios da terra amaldiçoada  
De Babylonia, um dia nos sentamos,  
Com saudades de Sião amada.

As harpas nos salgueiros penduramos,  
E ao lembrarmos os extinctos dias  
As lagrymas dos olhos desatamos.

Os que nos davam cruas agonias  
De captiveiro, alli nos perguntavam  
Pelas nossas antigas harmonias.

E diziamos nós aos que fallavam :  
« Como em terra de exilio amargo e duro  
Cantar os hymnos que ao Senhor louvavam ?...

Jerusalem, se inda n'um sol futuro,  
Eu desviar de ti meu pensamento  
E teu nome entregar a olvido escuro,

A minha dextra a frio esquecimento  
Votada seja ; apegue-se á garganta  
Esta lingua infiel, se um so momento

Me não lembrar de ti, se a grande e sancta  
Jerusalem não for minha alegria  
Melhor no meio de miseria tanta.

Oh ! lembra-lhes, Senhor, aquelle dia  
Da abatida Sião, lembra-lh'o aos duros  
Filhos de Edom, e á voz que alli dizia :

Arruinai-a, arruinai-a ; os muros  
Arrazemol-os todos ; so lhe baste  
Um montão de destroços mal seguros.

Filha de Babylonia, que peccaste,  
Abençoado o que se houver contigo  
Com a mesma oppressão que nos mostraste !

Abençoado o barbaro inimigo  
Que os tenros filhos teus ás mãos tomando,  
Os for, por teu justissimo castigo,  
Contra um duro penedo esmigalhando !

PARTE II

I

Era naquella doce e amavel hora  
 Em que vem branqueando a alva celeste,  
 Quando parece que remoça a vida  
 E toda se espreguiça a natureza.  
 Alva neblina que espalhára a noite  
 Frouxamente nos ares se dissolve,  
 Como de uns olhos tristes  
 Foge co' o tempo a ja ligeira sombra

De consoladas maguas. Vida é tudo,  
E pompa e graça natural da terra,  
Mas que não seja no êrmo,  
Onde seus olhos rutilos espraia  
Livres a aurora, sem tocar vestígios  
De obras caducas do homem, onde as aguas  
Do rio bebe a fugitiva corça,  
Vivo aroma nos ares se diffunde,  
E aves, e aves de infinitas côres  
Voando vão e revoando tornam,  
Inda senhoras da amplidão que é sua,  
Donde as hade fugir o homem um dia  
Quando a agreste soidão entrar o passo  
Creator que derruba. Já de todo  
Nado era o sol ; e á viva luz que inunda  
Estes meus patrios morros e éstas praias,  
Sorrindo a terra moça  
Noiva parece que o virgineo seio  
Entrega ao beijo nupcial do amado.  
E hade os funebres veus lançar a morte  
Na verdura do campo ? A natureza  
A nota vibrará da extrema angústia  
Neste festivo cantico de graças  
Ao sol que nasce, ao Creator que o envia,  
Como renovação de juventude ?



Le espasmodas magras. Vitis é tudo  
 E pompa e graça natural da terra  
 Mas que não seja no chão  
 Onde sem olhos tuídes espas  
 Lentes e curvas, sem tocos e algas  
 De ótica cultura do homem, todo se agita  
 De não haja a ingenua corça  
 Vira mimna nos traes se delenda  
 E avers, a grez da indolente corça  
 Quando não é a corça do leão  
 Liga a natureza de a natureza que é sua  
 Não se pode ligir o homem no dia  
 Quando a natureza se dá a natureza  
 Creador que detinha a de toda  
 Não era o sol, e a vida na profundidade  
 Estes seus patios mortos e estas primas  
 Sentado a terra mais

Nova parte  
 Entrar  
 E baia  
 Na vida  
 A nota  
 Nesta  
 Ao sol que  
 Como

Coava o sol pela miuda e fina  
 Gelosia da alcova em que se apresta  
 A recente christã. Singelas roupas  
 Traja da ingenua côr que a natureza  
 Pintou nas plumas que primeiro brota  
 O seu patrio guará. Vínculo frouxo  
 Mal lhe segura a luzidia trança,

Como ao desdem lançada  
Sôbre a espadua gentil. Joia nenhuma,  
Mais que seus olhos meigos, e essa doce  
Modestia natural, encanto, enlêvo,  
Casta flor que aborrece os mimos do horto,  
E ama livre nascer no campo, â larga,  
Rustica, mas formosa. Não lhe ensombram  
As tristezas da vespera o semblante,  
Nem da secreta lagryma na face  
Ficou vestigio. — Descuidosa e alegre,  
Ri-se, murmura uma cantiga, ou pensa,  
E repete baixinho um nome... Oh! se elle  
Espreital-a pudesse ali risonha,  
A sos comsigo, entre o seu Christo e as flores  
Colhidas ao tombar da extincta noite,  
E vecejantes inda!

Camo se deslum lançou  
 Sobre a esparta gentil, tôta nupcial,  
 Mas que aduz o horror, e não doço  
 Hôchris natural, encanta, e dóce,  
 Gasta flor que choros os olhos do noivo,  
 E sua livre puzer no campo, e largo,  
 Buzina, mas burrasca: Não he casamento  
 As tristezas da vespa e zanzana,  
 Nem de secreta lagrima na face  
 Flocos de vidro. — Orosos e alvos,  
 Disse, amornou uma canção, de veias,  
 E repete baixinho um nome. Oh! se elle  
 Espantal-o pudesse ali mesmo,  
 A seu caminho, entre a sua Cruz e as flores  
 Cobriras ao tombar da exacta noite  
 E recortando lã!

### De repente,

Aos ouvidos da moça enamorada  
 Chega um surdo rumor de sôltas vozes,  
 Que ora crescendo vae, ora se apaga,  
 Extranho, desusado. Eram... São elles,  
 Os francezes, que vem de longes praias  
 A cubiçar a perola mimosa,  
 Nictheroy, na alva-azul concha nascida

De suas aguas fecatadas. Rege  
O atrevido Duclerc a flor dos nobres,  
Cuja tez branca requeimára o fogo  
Que o vivo sol dos tropicos dardeja,  
E as lufadas dos ventos do oceano.  
Cobiçam-te elles, minha terra amada,  
Como quando nas faixas sempre-verdes  
Eras envolta ; e rude, inda que bello,  
O aspecto havias que poliu mais tarde  
A clara mão do tempo. Inda repetem  
Os echos do reconcavo os suspiros  
Dos que vieram a buscar a morte,  
E a receberam dos varões possantes  
Companheiros de Estacio. A todos elles,  
Prole de Luso ou geração da Gallia,  
Captivara-os a nayade escondida,  
E o sol os viu travados nessa longa  
E sangrenta porfia, cujo premio  
Era teu verde, candido regaço.  
Triumphára o trabuco lusitano  
Naquelle extincto seculo. Vencido,  
O pavilhão francez volvêra á patria,  
Pela agua arrastando o longo crepe  
De suas tristes, mortas esperanças.  
Que vento novo o desfraldou nos ares ?

## IV

Angela ouvira as vozes da cidade,  
 As vozes do furor. Já receiosa,  
 Trémula, foge á alcova e se encaminha  
 Á camera paterna. lá transpondo  
 A franqueada porta... e pára. O peito  
 Rompe-lli'o quasi o coração, — tamanho  
 É o palpar, um palpar de gôsto,  
 De surpresa e de susto. Aquelles olhos,

Aquella graça masculina do gesto,  
Graça e olhos são d'elle, o amado noivo,  
Que entre os mais homens elegeu sua alma  
Para o vínculo eterno... Sim, que a morte  
Póde arrancar ao seio humano o alento  
Ultimo e derradeiro ; os que devéras  
Unidos foram, volverão unidos  
A mergulhar na eternidade. Estava  
Juncto do velho pae o gentil moço,  
Elle todo agitado, o ancião sombrio,  
Calados ambos. A attitude de ambos,  
O mysterioso, gelido silêncio,  
Mais que tudo, a presença nunca usada  
Daquelle homem ali, que mal a espreita  
De longe e a furto, nos instantes breves  
Em que lhe é dado vel-a, tudo á moça  
O ânimo abala e o coração enfia.



## V

Mas o tropel de fóra avulta e cresce  
E os tres accorda. A virgem, lentamente,  
Rosto inclinado ao chão, transpõe o espaço  
Que dos dous a separa. . O tenro collo  
Curva ante o pae, e na enrugada dextra  
O ósculo imprime, herdada usança nossa  
De filial respeito. As mãos lhe toma  
Enternecido o velho ; olhos com olhos  
Alguns instantes rapidos ficaram,  
Até que elle, voltando o rosto ao moço :

« — Perdoai, — disse, — se o paterno affecto  
Me atou a lingua. Vacillar é justo  
Quando á pobre ruina a flor lhe pedem  
Que unica lhe nasceu, — unica adorna  
A aridez melancholica do extremo,  
Pallido sol... Não protesteis ! Roubal-a,  
Arrancal-a aos meus ultimos instantes,  
Não o fareis de certo. Pouco importa  
Dês que a metade lhe levaes da vida,  
Dês que seu coração, comvosco parte  
Afeições minhas. — Ao demais, o sangue  
Que lhe corre nas veias, condemnado,  
Nuno, sera dos vossos... » Longo e frio  
Olhar éstas palavras acompanha,  
Como a arrancar-lhe o pensamento interno.  
A donzella estremece. Nuno o alento  
Recobra e falla : — « Puro sangue é elle,  
Se lhe corre nas veias. Tão mimosa,  
Candida creatura, alma tão casta,  
Inda nascida entre os incréos da Arabia,  
Deus a votára á conversão e á vida  
Dos eleitos do ceu . Aguas sagradas  
Que a lavaram no berço, ja nas veias  
O sangue velho e impuro lhe trocaram  
Pelo sangue de Christo... »

VII

Neste instante

Cresce o tumulto exterior. A virgem  
 Medrosa toda se conchega ao collo  
 Do velho pae. « Ouvis ? Fallae ! é tempo !  
 Nuno prosegue. — Este commum perigo  
 Chama os varões á rispida batalha ;  
 Com elles vou. Se um galardão, emtanto,  
 Merecer de meus feitos, não á patria

Irei pedil-o ; so de vós o espero,  
Não o melhor, mas o unico na terra,  
Que a minha vida... » Rematar não pôde  
Ésta palavra. Ao escutar-lhe a nova  
Da imminente pejeja  
E a decisão de combater por ella,  
Inteiras sente as fôrças esvair-lhe  
A donzella, e bem como ao rijo vento  
Inclina o collo o arbusto  
Nos braços desmaiou do pae. Volvida  
A si, na pallidez do rosto o velho  
Attenta um pouco, e suspirando : « As armas  
Empunhae ; combatei ; Angela é vossa.  
Não de mim a havereis : ella a si mesma  
Toda nas vossas mãos se entrega. Morta  
Ou feliz é a escolha ; não vacillo :  
Seja feliz, e folgarei com ella... »

## VIII

Sobre a fronte dos dous, as mãos impondo  
Ao seio os conchegou, bem como a tenda  
Do patriarcha santo agasalhava  
O moço Isaac e a delicada virgem  
Que entre os rios nasceu. Delicioso  
E solemne era o quadro ; mas solemne  
E delicioso embora, ia esvair-se  
Qual celeste visão, que accende a espaços

O ânimo do infeliz. A guerra, a dura  
Necessidade de immolar os homens,  
Por salvar homens, a terrivel guerra  
Corta o amoroso vínculo que os prende  
E á moça o riso lhe converte em lagrymas.  
Misera es tu, pallida flor ; mas soffre  
Que o calor deste sol te acurve o calix,  
Morta, não ; nem ja murcha — mas apenas  
Como cançada de queimor do estio.  
Soffre ; a tarde virá serena e branda  
A reviver-te o alento ; a fresca noite  
Choverá sôbre ti piedoso orvalho  
E mais risonha surgirá á aurora.

IX

Foge á estancia da paz o hardido moço ;  
Esperança, fortuna, amor e patria  
A guerrear o levam. Já nas veias  
O vivo sangue irrequieto pulsa,  
Como ancioso de correr por ambas,  
A bella terra e a suspirada noiva.  
Triste quadro a seus olhos se apresenta;  
Nos femininos rostos ve pintados



Incerteza e terror ; lamentos, gritos  
Soam de entorno. Voam pelas ruas  
Homens de guerra ; homens de paz se aprestam  
Para a crua peleja ; e, ou nobre estancia,  
Ou choupana rasteira, armado é tudo  
Contra a forte invasão. Nem la se deixa  
Quieto, a sos com Deus, na estreita cella,  
O solitario monge que ás batalhas  
Fugiu da vida. O patrimonio sancto  
Cumpre salvá-o. Cruz e espada empunha,  
Deixa a serena região da prece  
E voa ao torvelinho do combate.

X

Entre os fortes alumnos que dirige  
O hardido Bento (\*), a perfilar-se corre  
Nuno. Estes são os que o primeiro golpe  
Descarregam no attonito inimigo.  
Do militar officio ignoram tudo,  
De armas não sabem ; mas o brio e a honra  
E a lembrança da terra em que primeiro  
Viram a luz, e onde o perdel-a é doce,

---

(\*) V. nota, no fim.

Essa a escola lhes foi. Pasma o inimigo  
Do nobre esforço e galhardia rara,  
Com que inda nos humbraes da vida que orna  
Tanta esperanza, tanto sonho de ouro,  
Resolutos a morte encaram, prestes  
A retalhar nas dobras  
Da vestidura funebre da patria  
O piedoso lençol que os leve á campa,  
Ou com ella cingir o eterno louro.

XI

O' mocidade, ó baluarte vivo  
 Da cara patria ! Já perdida é ella,  
 Quando em teu peito entusiasmo sancto  
 E puro amor se extingue, e áquelle nobre,  
 Generoso despejo e ardor antigo  
 Succede o frio calcular, e o torpe  
 Egoismo, e quanto ha hi no humano peito,  
 Que a natureza não creou nem ama,  
 Que é fructo nosso e podre... Muitos caem

Mortos alli. Que importa? Vão seguindo  
Avante os bravos, que a invasão caminha  
Implacavel e dura, como a morte,  
A pelejar e a destruir. Tingidas

Ruas de extranho sangue

E sangue nosso, lacerados membros,  
Corpos de que ha fugido a alma cançada,  
E o denso fumo e os funebre lamentos,  
Quem nêssa confusão, miseria e glória  
Conhecerá da juvenil cidade  
O aspecto, a vida? Aqui da infancia os dias  
Nuno vivêra, á vecejante sombra  
Do seu patrio arvoredado, ao som das vagas  
Que inda batendo vão na amada areia;  
Risos, jogos da verde meninice,  
Ésta praia lhe lembra, aquella pedrã,  
A mangueira do campo, a toska cerca  
De espinheiro e de flores enlaçadas,  
A ave que voa, a brisa que suspira,  
Que suspira como elle ha suspirado,  
Quando rompendo o coração do peito  
Ia-lhe empos dessa visão divina,  
Realidade agora... E ha de perdel-as  
Patria e noiva? Ésta ideia lhe esvoaça  
Torva e surda no cerebro do moço,

E ao contrahido espirito redobra  
Impeto e fôrças. Rompe  
Por entre a multidão dos seus, e investe  
Contra o duro inimigo ; as balas voam,  
E com ellas a morte, que não sabe  
Dos escolhidos seus a terra e o sangue,  
E indistinctos os toma ; elle, no meio  
Daquelle horrivel turbilhão, parece  
Que a faisca do genio o leva e anima,  
Que a fortuna o votára á glória.

## XII

## Soam

Emfim os gritos de triumpho ; e o peito  
Do povo que lutou respira á larga,  
Como ao que, apos ardua subida, chega  
Ao cimo da montanha, e ao longe os olhos  
Estende pelo azul dos ceus, e a vida  
Bebe nesse ar mais puro. Farto sangue  
A victória custára ; mas, se em meio  
De tanta glória ha lagrymas, soluços,



Gemidos de viuvez, quem os escuta,  
Quem as ve essas lagrymas choradas  
Na multidão da praça que troveja  
E folga e ri? O sacro bronze que usa  
Os fieis convidar á prece, e a morte  
Do homem pranteia lugubre e solemne,

Ora festivo canta

O commum regosijo ; e pela aberta  
Porta dos templos entra a frouxo o povo  
A agradecer com lagrymas e vozes  
O triumpho, — piedoso instincto da alma,  
Que a Deus levanta o pensamento e as graças.

## XIII

Tu, mancebo feliz, tu bravo e amado,  
Voa nas azas rútilas e leves  
Da fortuna e do amor. Como ao indiano,  
Que, ao regressar das porfiadas lutas,  
Por éstas mesmas regiões entrava,  
A enconral-o sahia a meiga espôsa,  
— A recente christã, entre assustada  
E jubilosa coroará teus feitos

Co'a melhor das capellas que hão pousado  
Em frente de varão, — um doce e longo  
Olhar que inteiro encerra a alma que chora  
De gôsto e vida ! Voa o moço á estancia  
Do ancião ; e ao pôr na suspirada porta  
Olhos que traz famintos de encontral-a,  
Frio terror lhe empece os membros. Frouxo  
la o sol transmontando ; lenta a vaga  
Melancholicamente ali gemia,  
E todo o ar parecia arfar de morte.  
Qual se pallida a vira, já cerrados  
Os desmaiados olhos,  
Frios os doces labios  
Cançados de pedir aos ceus por elle,  
Nuno estacára ; e pelo rosto em fio  
O suor lhe cahiu da extrema angústia ;  
Longo tempo vacilla ;  
Vence-se enfim, e entra a mansão da espôsa.

XIV

Quatro vultos na camera paterna  
Eram. O pae sentado,  
Calado e triste. Reclinada a fronte  
No espaldar da cadeira, a filha os olhos  
E o rosto esconde, mas tremor continuo  
De um abafado soluçar o esbelto  
Corpo lhe agita. Nuno aos dous se chega ;  
Ia a fallar, quando a formosa virgem,  
Os lacrymosos olhos levantando,  
Um grito solta do intimo do peito

E se lhe prostra aos pes : « Oh ! vivo, es vivo !  
Inda bem... Mas o ceu, que por nós vela,  
Aqui te envia... Salva-o tu, se pódes,  
Salva meu pobre pae ! » Estremecendo  
Nella e no velho fita Nuno os olhos,  
E agitado pergunta : « Qual ousado  
Braço lhe ameaça a vida ? » Cavernosa  
Uma voz lhe responde : « O sancto officio ! »  
Volve o mancebo o rosto  
E o merencorio aspecto  
De dous familiares todo o sangue  
Nas veias lhe gelou.

XV

Solemne o velho

Com voz, não frouxa, mas pausada, falla :  
 « — Ves? todo o brio, todo o amor no peito  
 Te emudeceu. So lastimar-me podes,  
 Salvar-me, nunca. O carcere me aguarda,  
 E a fogueira talvez ; cumpril-a, é tempo,  
 A vontade de Deus. Tu, pae e espôso  
 Da desvalida filha que ahi deixo,  
 Nuno, seras. A relembrar com ella  
 Meu pobre nome, applicareis a immensa

Colera do Senhor... » Sorrindo ironico,  
Éstas palavras últimas lhe caem  
Dos labios tristes. Ergue-se : « Partamos !  
Adeus ! Negou-me Aquelle que no campo  
Deixa a arvore ancian perder as folhas  
No mesmo ponto em que as nutria viçosas,  
Negou-me ver por éstas longas serras  
Ir-se-me o último sol. Brando regaçõ  
A filial piedade me daria  
Em que eu dormisse o derradeiro somno,  
E em braços de meu sangue transportado  
Fôra em horas de paz e de silêncio  
Levado ao leito extremo e eterno. Vixe  
Ao menos tu... »



XVI

Um familiar lhe corta  
O adeus último : « Vamos : é ja tempo ! »  
Resignado o infeliz, ao seio aperta  
A filha, e todo o coração n'um beijo  
Lhe transmittiu, e a caminhar começa.  
Angela os lindos braços sobre os hombros  
Trava do austero pae ; flores dissereis  
De parasita, que enroscou seus ramos  
Pelo caçado tronco, esteril, sêcco

De árvore antiga : « Nunca ! Não de primeiro  
A alma arrancar-me ! Ou se heis peccado, e a morte  
Pena hade ser da commettida culpa,  
Comvosco descerei á campã fria,  
Junctos a mergulhar na eternidade.

Israel tem vertido

Um mar de sangue. Embora ! á tona delle  
Verdeja a nossa fe, a fe que anima  
O eleito povo, flor suave e bella  
Que o medo não desfolha, nem ja sècca  
Ao vento mau da colera dos homens ! »

XVII

Trémula a voz do peito lhe sahia.  
Das mãos lhe trava um dos algozes. Ella  
Entrega-se risonha,  
Como se o calix da amargura extrema  
Pelos meles da vida lhe trocassem  
Celeste e eterna. O coração do moço  
Latejava de espanto e susto. Os olhos  
Pousa na filha o desvairado velho.

Que ouviu?— Attenta nella ; o lindo rosto  
O ceu não busca jubiloso e livre,  
Antes, como travado de agra pena,  
Pende-lhe agora ao chão. Dizia acaso  
Entre si mesma uma oração, e o nome  
De Jesus repetia, mas tão baixo,  
Que o coração do pae mal pôde ouvir-lh'o.  
Mas ouviu-lh'o ; e tão forte amor, tamanho  
Sacrificio da vida a alma lhe rasga  
E deslumbra. Escoou-se um breve tempo  
De silêncio ; elle e ella, os tristes noivos,  
Como se a eterna noite os recebêra,  
Gelados eram ; levantar não ousam  
Um para o outro os arrasados olhos  
De mal contidas e teimosas lagrymas.

## XVIII

Nuno enfim, lentamente e a custo arranca  
Do coração éstas palavras : « Fôra  
Misericordia ao menos confessal-o  
Quando ao fogo do barbaro inimigo  
Me era facil deixar o derradeiro  
Sopro da vida. Premio é este acaso  
De tamanho lidar? Que mal te hei feito,  
Porque me dês tão barbara e medonha

Morte, como ésta, em que o cadaver guarda  
Inteiro o pensamento, inteiro o aspecto  
Da vida que fugiu ? » Angela os olhos  
Maguados ergue ; arfa-lhe o peito afflicto,  
Como o dorso da vaga que entumece  
A aza da tempestade. « Adeus ! » suspira  
E a fronte abriga no paterno seio.





Do seu Deus, confiada acceita a morte,  
E guarda puro o sentimento interno  
Com que o veu rasgará da eternidade ?  
O' Nazareno, ó filho do mysterio,  
Se é tua lei a unica da vida  
Escreve-m'a no peito ; e dá que eu veja  
Morrer commigo a filha de meus olhos  
E unidos irmos, pela porta immensa  
Do teu perdão, á eternidade tua ! »

Mergulhára de todo o sol no occaso,  
E a noite, clara, deliciosa e bella,  
A cidade cobriu, — não socegada,  
Como costuma, — porém leda e viva,  
Cheia de luz, de cantos e rumores,  
Victoriosa emfim. Elles, calados,  
Foram por entre a multidão alegre,  
A penetrar o carcere sombrio

Donde ao mar passarão, que os leve ás praias  
Da ancian Europa. Carregado o rosto,  
Ia o pae ; ella, não. Serena e meiga,  
Entra affouta o caminho da amargura,  
A custo soffreando internas maguas  
Da amarga vida, breve flor como ella,  
Que inda mais breve a mente lhe affigura.  
Anjo, descêra da região celeste  
A pairar sobre o abysmo ; anjo, subia  
De novo á esphera luminosa e eterna,  
Patria sua. Levar-lhe-ha Deus em conta  
O muito amor e o padecer extremo,  
Quando romper a tunica da vida  
E o silêncio immortal fechar seus labios,

---



JOSÉ BONIFÁCIO

De tantos olhos que o brilhante lume  
Viram do sol amortecer no occaso,  
Quantos verão nas orlas do horisonte  
Resplandecer a aurora ?

Innumeras, no mar da eternidade,  
As gerações humanas vão cahindo ;  
Sobre ellas vae lançando o esquecimento  
A pesada mortalha.

Da agitação esteril em que as fôrças  
Consumiram da vida, raro apenas  
Um echo chega aos seculos remotos,  
E o mesmo tempo o apaga.

Vivos transmite a popular memoria  
O genio creador e a sã virtude,  
Os que o patrio torrão honrar souberam,  
E honrar a especie humana.

Vivo irás tu, egregio e nobre Andrada !  
Tu, cujo nome, entre os que á patria deram  
O baptismo da amada independencia,  
Perpetuamente fulge.

O engenho, as fôrças, o saber, a vida,  
Tudo votaste á liberdade nossa,  
Que a teus olhos nasceu, e que teus olhos  
Inconcussa deixaram.

Nunca interesse vil manchou teu nome,  
Nem abjectas paixões ; teu peito illustre  
Na viva chamma ardeu que os homens leva  
Ao sacrificio honrado.

Se teus restos ha muito que repousam  
No po commum das gerações extinctas,  
A patria livre que legaste aos netos,  
E te venera e ama,

Nem a face mortal consente á morte  
Que te roube, e no bronze redivivo  
O austero vulto restitue aos olhos  
Das vindouras edades.

« Vede (lhes diz) o cidadão que teve  
Larga parte no largo monumento  
Da liberdade, a cujo seio os povos  
Do Brasil se acolheram.

« Póde o tempo varrer, um dia, ao longe,  
A fabrica robusta ; mas os nomes  
Dos que o fundaram viverão eternos,  
E viverás, Andrada ! »



# ARTICLE DE JACQUES

Il y a une grande différence entre la science et l'art.

La science est la connaissance de la nature, l'art est la connaissance de l'homme.

Il faut donc se donner la peine de connaître l'homme.

Car c'est l'homme qui est le maître de la nature.

Il faut donc se donner la peine de connaître l'homme.

Car c'est l'homme qui est le maître de la nature.

## A VISÃO DE JACIUCA

Où sont ces âmes guerrières .. et ces arcs  
qu'on ne vit jamais tendus en vain?

BOSSUET : *Orais. fun. de la princesse Palatine.*

Prestes de novo a batalhar, chegavam  
Os valentes guerreiros. Mas onde elle,  
O duro chefe da indomavel tribu,  
O senhor das montanhas? Affirmava

Tatupeba que o vira, antes da aurora,  
Erguer-se, e ao longo do visinho rio,  
Por algum tempo caminhar calado,  
Como se o abafára um pensamento  
E-lhe impedira o somno. Não receio  
De batalhar? Oh ! não ! Quasi na infancia,  
A torva catadura viu da guerra,  
Officio de homens, que aprendeu brincando  
Com seu pae, extremado entre os guerreiros,  
E na bravura e na prudenciã ; a frecha  
Ninguem soubera menear como elle,  
Nem mais veloz, nem mais certa nunca.

—  
A lentos passos caminhando chega,  
Emfim, o bravo Jaciuca. Torvo  
E merencorio traz o duro aspecto.  
» — Vamos (diz elle) a descansar na taba,  
Entre festas e dansas ; penduremos  
As armas nossas, que sobeja ha sido  
A glória, e a doce paz nos chama. »

Leve,

Surdo rumor entre os guerreiros soa ;  
Vai subindo, é rugido, é ja tumulto,  
Como o grunhir de tajassús no matto,

Que se aproxima e cresce. Jaciuca  
Olhos quietos pelo campo estende ;  
Seu feio rosto é como a rocha dura  
Que o raio quebra, mas não lasca o vento.  
Fecha os labios e pensativo espera.

---

Tatupeba, que a raiva a custo esconde,  
Ergue-se então ; crava-lhe os fulvos olhos,  
Como a afiada ponta de uma frecha.  
Seu porte, entre os irmãos, semelha á vista  
Jequitibá robusto ; mais que todos,  
Terror inspira e universal respeito.  
Ergue-se e falla : « — Longos soes hei visto,  
Pelejei muitas guerras ; a meu lado  
Vi cahir mais valentes do que folhas  
Arranca o furacão ; mas nunca o ânimo  
Dos lidadores abalou palavra  
Como essa tua ; nunca os braços nossos  
Ficar deixaram nos desertos campos  
Os ossos não vingados dos guerreiros.  
Que genio mau te insinuou tal crime ? »

---

Assim fallando, Tatupeba o solo  
Com a planta feriu. Os olhos todos  
Pendem da boca do sombrio chefe.  
Silencioso Jaciuca ouvira  
As fallas do guerreiro ; silencioso  
E quieto ficou. Apos instantes,  
A fronte sacudiu, como expellindo  
Ideias más que o cerebro lhe turvam,  
E a voz lhe rompe do intimo do peito.

---

« O' guerreiros, (diz elle), aqui deitados  
Estivestes a noite, e toda inteira  
A dormistes de certo ; en, não distante,  
Do rio á marge a trabalhar commigo,  
Afiava na mente atra vingança;  
Até que os frouxos membros descahiram  
Sôbre a macia relva, e um tempo largo  
Assim fiquei entre vigilia e somno.  
Viam meus olhos ondular as aguas,  
Mas no alheado pensamento os echos  
Sussurravam da infancia. Um genio amigo  
Aos tempos me levava em que no rosto

De meu pae aprendi, com frio pasmo,  
A rara intrepidez, válida herança,  
Que tanto custa ao perfido inimigo.

---

« De repente, uma luz pallida e triste  
Inunda o campo : transparente nevoa  
E luminosa aquillo parecia,  
Ou baço reflectir da branca lua  
Que nuvens cobrem. Livido e curvado,  
Içayba a meus olhos apparece.  
Vi-o qual era antes da fria morte ;  
So a expressão do rosto lhe mudára ;  
Energicas não tinha, mas serenas  
As feições. « Vem commigo ! » Assim me falla  
O extincto bravo ; e, subito estreitando  
Ao peito o corpo do saudoso amigo,  
Juntos voámos á região das nuvens.  
« Olha ! » disse Içayba, e o braço alonga  
Para a terra. O' guerreiros ! largo espaço  
Era prêsa de alheio senhorio.  
Fitei os olhos mais ; e pouco a pouco,  
Como enche o rio e todo o campo alaga,  
Umhas gentes extranhas se estendiam

De sertão em sertão. Prêsas do fogo  
As mattas vi, abrigo do guerreiro,  
E ao torvo incendio e ás invasões da morte  
Vi as tribus fugir, ceder a custo,  
Com lagrymas alguns, todos com sangue,  
A virgem terra ao barbaro inimigo.  
Mau vento os trouxe de remota praia  
Aquelles homens novos, jamais vistos  
De guerreiro ancião, a quem não coube  
Sequer a gloria de morrer contente  
E todo reviver na ousada prole.  
Era o termo da vida que chegára  
Ao povo de Tupan ! Grito de morte  
Unico enchia os ares, — um suspiro  
De tristeza e terror, que reboava  
Pelos recessos da floresta antiga  
E talvez ameigava o peito ás feras...  
Surdos os manitós deixado haviam  
Os seus fortes heroes ; surdos se foram  
Entre os genios folgar da raça nova,  
E rir talvez das lagrymas choradas  
Pelos olhos das virgens... Oh ! se ao menos  
Fôra pranto de livres ! Era a morte  
A menor das angústias ; vi curvada  
E captiva rojar no po da terra



A frente do guerreiro, agora altiva,  
Livre, como o condor que frecha as nuvens ;  
Não kanitar a cinge, mas vergonha,  
Melancholico adôrno do vencido.

---

« O rosto desviei do extranho quadro.  
« Olha ! » repete o pallido Içayba.  
Olhei de novo, e na saudosa taba,  
Que os nossos arcos defender souberam,  
Em vez da sombra do piaga santo,  
Que ao som do maracá, colhia as vozes  
Do pensamento eterno, e as infundia  
No seio do guerreiro, como o fumo  
Do petum lhe dobrava impeto e fôrça,  
Um vulto descobri de vestes negras,  
Nua quasi a cabeça, e côr de espuma  
Alguns cabellôs raros. Tinha o rosto  
Alvo e quieto. Em suas mãos sustinha  
Extenso lenho com dous curtos braços.  
Ia so ; todo o campo era deserto.  
Nem um guerreiro ! um arco ! « — A tribu ? »  
— « Extincta. »

---

« A tal palavra, uma pêsada sombra  
A vista me apagou, e pela face  
Senti rolar a lagryma primeira.  
O sinistro espectaculo mudára.  
Ao dissipar-se a nuvem de meus olhos  
Achei-me junto do visinho rio,  
Reclinado como antes, e defronte  
A pallida figura de Içayba.

« — Torna á taba, me disse o extincto moço ;  
« Luas e luas volverão no espaço  
« Antes da morte, mas a morte é certa,  
« E terrivel sera. Nação bem outra,  
« Sôbre as ruinas da valente raça  
« Virá sentar-se, e brilhará na terra  
« Gloriosa e rica. Uma chorada lagryma,  
« Talvez, talvez, no meio do triumphos  
« Ha de ser a tardia, escassa paga  
« Da morte nossa. Poupa ao menos essa  
« Derradeira esperança de guardal-o  
« Todo o valor para o supremo dia  
« E com honra ceder a extranhas hostes ;  
« Salva ao menos as últimas reliquias  
« Desta nação vencida ; não se rasguem  
« Peitos que irmãos ao mesmo sol nasceram  
« E Anhangá fez contrarios... Todos elles

« Poucos serão para a tremenda luta,  
« Mas de sobra hão de ser para choral-a. »

---

« Assim fallára o pallido Içayba ;  
Alguns instantes contemplou meu rosto,  
Calado e firme. A cachoeira ao longe  
Interrompia apenas o silêncio ;  
E eu morto, eu mesmo me sentia morto.  
Elle um triste suspiro magoado  
Soltou do peito ; os apagados olhos  
Às estréllas ergueu, sereno e triste,  
E de novo rompendo o voo aos ares,  
Como uma frecha penetrou nas nuvens.

---



## CANTIGA DO ROSTO BRANCO (\*)

Rico era o rosto branco ; armas trazia,  
E o licor que devora e as finas telas ;  
Na gentil Tibehyma os olhos pouosa,  
E amou a flor das bellas.

« Quero-te ! » disse á cortezã da aldèa ;  
« Quando, juncto de ti, teus olhos miro,  
A vista se me turva, as fôrças perco,  
E quasi, e quasi expiro. »

---

(\*) Veja nota no fim.

E responde a morena requebrando  
Um olhar doce, de cobiça cheio :  
« Deixa em teus labios imprimir meu nome ;  
Aperta-me em teu seio ! »

Uma cabana levantaram ambos,  
O rosto branco e a amada flor das bellas...  
Mas as riquezas foram-se co'o tempo,  
E as illusões com ellas.

Quando elle empobreceu, a amada moça  
N'outros labios pousou seus labios frios,  
E foi ouvir de coração extranho  
Alheios desvarios.

Desta infidelidade o rosto branco  
Triste nova colheu ; mas elle amava,  
Inda infieis, aquelles labios doces,  
E tudo perdoava.

Perdoava-lhe tudo, e inda corria  
A mendigar o grão de porta em porta,  
Com que a moça nutrisse, em cujo peito  
Jazia a affeição morta.

E para si, para afogar a magua,  
Se um pouco havia do licor ardente,  
A dor que o devorava e renascia  
Matava lentamente.

Sempre trahido, mas amando sempre,  
Elle a razão perdeu; foje á cabana,  
E vae correr na solidão do bosque  
Uma carreira insana.

O famoso Sachem, ancião da tribu,  
Vendo aquella traição e aquella pena,  
Á ingrata filha duramente falla,  
E rispido a condemna.

Em vão! É duro o fructo da papaya,  
Que o labio do homem acha doce e puro;  
Coração de mulher que já não ama  
Esse é inda mais duro.

Nu, qual sabíra do materno ventre,  
Olhos cavos, a barba emmaranhada,  
O misero tornou, e ao proprio tecto  
Veiu pedir pousada.



Volvido se cuidava á flor da infancia  
(Tão escuro trazia o pensamento ! )  
« Mãe ! » exclamava contemplando a moça,  
« Acolhe-me um momento ! »

Vinha faminto. Tibehyma, entanto,  
Que ja de outro guerreiro os dons houvera,  
Sentiu asco daquelle que outro tempo  
As riquezas lhe dera.

Fôra o lançou ; e elle expirou gemendo  
Sôbre folhas deitado junto á porta ;  
Annos volveram ; co' os volvidos annos,  
Tibehyma era morta.

Quem alli passa, contemplando os restos  
Da cabana, que a herva toda esconde,  
Que ruinas são essas interroga  
E ninguem lhe responde.

## A GONSALVES DIAS

Ninguem virá, com titubiantes passos,  
E os olhos lacrymosos, procurando  
O meu jazigo...

GONSALVES DIAS.— *Ult. cant.*

Tu vive e gosa a luz serena e pura.

J. BAZILIO DA GAMA.— *Urug. c. v.*

Assim vagou por alongados climas,  
E do naufragio os humidos vestidos  
Ao calor enxugou de extranhos lares  
O luzitano vate. Acerbas penas

Curtiu naquellas regiões ; e o Ganges,  
Se o viu chorar, não viu pousar calada,  
Como a harpa dos exules prophetas,  
A heroica tuba. Elle a embocou, vencendo  
Co' a lembrança do ninho seu paterno,  
Longas saudades e miserias tantas.  
Que monta o padecer ? Um so momento  
As maguas lhe pagou da vida ; a patria  
Reviu, apoz a suspirar por ella ;  
E a velha terra sua  
O despôjo mortal cobriu piedosa  
E de sobejo o compensou de ingratos.

—

Mas tu, cantor da America, roubado  
Tão cedo ao nosso orgulho, não te coube  
Na terra em que primeiro houveste o lume  
Do nosso sol, achar o último leito !  
Não te coube dormir no chão amado,  
Onde a luz frouxa da serena lua,  
Por noite silenciosa, entre a folhagem  
Coasse os raios humidos e frios,  
Com que ella chora os mortos... derradeiras

Lagrymas certas que tera na campa  
O infeliz que não deixa sôbre a terra  
Um coração ao menos que o prantêe.

---

Vinha contudo o pallido poeta  
Os desmaiados olhos estendendo  
Pela azul extensão das grandes aguas,  
A pesquisar ao longe o esquivo fumo  
Dos patrios tectos. Na abatida fronte  
Ave de morte as azas lhe roçara ;  
A vida não cobrou nos ares novos,  
A vida, que em vigílias e trabalhos,  
Em prol dos seus, gastou por longos annos,  
Co' essa larguesa de ânimo fadado  
A entornar generoso a vital seiva.  
Mas, que importava a morte, se era doce  
Morrel-a á sombra deliciosa e amiga  
Dos coqueiros da terra, ouvindo acaso  
No murmurar dos rios,  
Ou nos suspiros do nocturno vento,  
Um echo melancolico dos cantos  
Que elle outr'ora entoára ? Traz do exilio  
Um livro, monumento derradeiro

Que á patria levantou ; alli revive  
Toda a memoria do valente povo  
Dos seus Tymbiras...

—

Subito, nas ondas  
Bate os pes, espumante e desabrido,  
O corsel da tormenta ; o horror da morte  
Enfia o rosto aos nautas... Quem por elle,  
Um momento hesitou quando na fragil  
Tabua confiou a unica esperança  
Da existencia ? Mystério obscuro é esse  
Que o mar não revellou. Ali, sosinho,  
Travou naquella solidão das aguas  
O duello tremendo, em que a alma e corpo  
As suas fôrças últimas despendem  
Pela vida da terra e pela vida  
Da eternidade. Quanta imagem torva,  
Pelo turbado espirito batendo  
As fuscas azas, lhe tornou mais triste  
Aquelle instante funebre ! Suave  
É o arranco final, quando o ja frouxo  
Olhar contempla as lagrymas do affecto,  
E a cabeça repousa em seio amigo.



Nem affectos nem prantos ; mas somente  
A noite, o medo, a solidão e a morte.  
A alma que alli morava, ingenua e meiga,  
Naquelle corpo exiguo, abandonou-o,  
Sem ouvir os soluços da tristeza,  
Nem o grave salmear que fecha aos mortos  
O frio chão. Ella o deixou, bem como  
Hóspede mal acceito e mal dormido,  
Que prosegue a jornada, sem que leve  
O ósculo da partida, sem que deixe  
No rosto dos que ficam, — rara embora, —  
Uma sombra de pallida saudade.

---

Oh ! sôbre a terra em que pousaste um dia,  
Alma filha de Deus, ficou teu rasto  
Como de estrélla que perpétua fulge !  
Não viste as nossas lagrymas ; comtudo  
O coração da patria as ha vertido.  
Tua glória as seccou, bem como orvalho  
Que a noite amiga derramou nas flores  
E o raio enxuga da nascente aurora.  
Na mansão a que foste, em que ora vives,  
Has de escutar um echo do concerto

Das vozes nossas. Ouvirás, entre ellas,  
Talvez, em labios de indiana virgem !  
Ésta saudosa e suspirada nenia :

---

« Morto, é morto o cantor dos meus guerreiros !  
Virgens da matta, suspirae commigo !

« A grande agua o levou como invejosa.  
Nenhum pe trilhará seu derradeiro  
Funebre leito ; elle repousa eterno  
Em sitio onde nem olhos de valentes,  
Nem mãos de virgens poderão tocar-lhes  
Os frios restos. Sabiá da praia  
De longe o chamará saudoso e meigo,  
Sem que elle venha repetir-lhe o canto.  
Morto, é morto o cantor dos meus guerreiros !  
Virgens da matta, suspirae commigo !

---

Elle houvera do Ybake o dom supremo  
De modular nas vozes a ternura,  
A cholera, o valor, tristeza e magua,  
E repetir aos namorados echos



Quanto vive e reluz no pensamento.  
Sôbre a margem das aguas escondidas,  
Virgem nenhuma suspirou mais terna,  
Nem mais válida a voz ergueu na taba,  
Suas nobres acções cantando aos ventos,  
O guerreiro tamoyo. Doce e forte,  
Brotava-lhe do peito a alma divina.  
Morto, é morto o cantor dos meus guerreiros !  
Virgens da matta, suspirae commigo !

---

« Coema, a doce amada de Itajuba,  
Coema não morreu ; a folha agreste  
Póde em ramas ornar-lhe a sepultura,  
E triste o vento suspirar-lhe em torno ;  
Ella perdura a virgem dos Tymbiras,  
Ella vive entre nós. Airosa e linda,  
Sua nobre figura adorna as festas  
E enflora os sonhos dos valentes. Elle,  
O famoso cantor quebrou da morte  
O eterno jugo ; e a filha da floresta  
Hade a história guardar das velhas tabas  
Inda depois, das últimas ruinas.

Morto, é morto o cantor dos meus guerreiros !  
Virgens da matta, suspirae commigo !

---

« O piaga, que foge a extranhos olhos,  
E vive e morre na floresta escura,  
Repita o nome do cantor ; nas aguas  
Que o rio leva ao mar, mande-lhe ao menos  
Uma sentida lagryma, arrancada  
Do coração que elle tocára outr'ora,  
Quando o ouviu palpitar sereno e puro,  
E na voz celebrou de eternos carmes.  
Morto, é morto o cantor dos meus guerreiros !  
Virgens da matta, suspirae commigo ! »

# OS SEMEADORES

( SECULO XVI )

Eis ahi sahio o que semêa a semear.

MATH. XIII, 3.

Vós os que hoje colheis, por esses campos largos,  
O doce fructo e a flor,  
Acaso esqueceréis os asperos e amargos  
Tempos do sementeador ?

Rude era o chão ; agreste e longo aquelle dia ;  
Comtudo, esses heroes  
Souberam resistir na afanosa porfia  
Aos temporaes e aos soes.

Poucos ; mas a vontade os poucos multiplica,  
E a fé, e as orações  
Fizeram transformar a terra pobre em rica  
E os centos em milhões

Nem somente o labor, mas o perigo, a fome,  
O frio, a descalcez,  
O morrer cada dia uma morte sem nome,  
O morrel-a, talvez,

Entre barbaras mãos, como se fôra crime,  
Como se fôra reu  
Quem lhe ensinára aquella acção pura e sublime  
De as levantar ao ceu !

O' Paulos do sertão ! Que dia e que batalha !  
Vencestel-a ; e podeis  
Entre as dobras dormir da secular mortalha ;  
Vivireis, vivireis !

## A FLOR DO EMBIROÇU

Noite, melhor que o dia, quem não te ama ?

FIL. ELYS.

Quando a nocturna sombra envolve a terra  
E á paz convida o lavrador cansado,  
Á fresca brisa o seio delicado  
A branca flor do embiroçu descerra.

E das limpidas lagrymas que chora  
A noite amiga, ella recolhe alguma ;  
A vida bebe na ligeira bruma,  
Até que rompe no horisonte a aurora.

Então, á luz nascente, a flor modesta,  
Quando tudo o que vive alma recobra,  
Languidamente as suas folhas dobra,  
E busca o somno quando tudo é festa.

Suave imagem da alma que suspira  
E odeia a turba vã! da alma que sente  
Agitar-se-lhe a aza impaciente  
E a novos mundos transportar-se aspira !

Tambem ella ama as horas silenciosas,  
E quando a vida as lutas interrompe,  
Ella da carne os duros elos rompe,  
E entrega o seio ás illusões viçosas.

É tudo seu, — tempo, fortuna, espaço,  
E o ceu azul e os seus milhões de estrêllas ;  
Abrazada de amor, palpita ao vel-as,  
E a todas cinge no ideial abraço.



O rosto não encara indiferente,  
Nem a traidora mão candida aberta ;  
Das mentiras da vida se liberta  
E entra no mundo que jamais não mente.

Noite, melhor que o dia, quem não te ama?  
Labor ingrato, agitação, fadiga,  
Tudo faz esquecer tua aza amiga  
Que a alma nos leva onde a ventura a chama.

Ama-te a flor que desabrocha á hora  
Em que o último olhar o sol lhe estende,  
Vive, embala-se, orvalha-se, recende,  
E as folhas cerra quando rompe a aurora.





## LUA NOVA

Mãe dos fructos, Jacy, no alto espaço  
Eil-a assoma serena e indecisa :  
Sôpro é della ésta languida brisa  
Que sussurra na terra e no mar.  
Não se mira nas aguas do rio,  
Nem as hervas do campo branqueia ;  
Vaga e incerta ella vem, como a ideia  
Que inda apenas começa a espantar.

E iam todos ; guerreiros, donzellas,  
Velhos, moços, as redes deixavam;  
Rudes gritos na aldêa soavam,  
Vivos olhos fugiam p'ra o ceu :  
Iam ve-la, Jacy, mãe dos fructos,  
Que, entre um grupo de brancas estrêllas,  
Mal scintilla : nem pôde vencel-as,  
Que inda o rosto lhe cobre amplo veu.

---

E um guerreiro : « Jacy, doce amada,  
Retempera-me as fôrças ; não veja  
Olho adverso, na dura peleja,  
Este braço ja frouxo cahir.  
Vibre a setta, que ao longe derruba  
Tajassú, que roncando caminha ;  
Nem lhe escape serpente damninha,  
Nem lhe fuja pesado tapir. »

---

E uma virgem : « Jacy, doce amada,  
Dobra os galhos, carrega esses ramos  
Do arvoredó co'as fructos que damos

Aos valentes guerreiros, que eu vou  
A buscal-os na matta sombria,  
Por trazel-os ao moço prudente,  
Que venceu tanta guerra valente,  
E estes olhos consigo levou. »

---

E um ancião, que a saudára ja muitos,  
Muitos dias : « Jacy, doce amada,  
Dá que seja mais longa a jornada,  
Dá que eu possa saudar-te o nascer,  
Quando o filho do filho, que hei visto  
Triumphar de inimigo execrando,  
Possa as pontas de um arco dobrando  
Contra os arcos contrarios vencer. »

---

E elles riam os fortes guerreiros,  
E as donzellas e espôsas cantavam,  
E eram risos que d'alma brotavam,  
E eram cantos de paz e de amor.  
Rude peito criado nas brenhas,  
— Rude embora, — terreno é propício ;  
Que onde o germen lançou beneficio  
Brota, enfolha, verdeja, abre em flor.



## SABINA

Sabina era mucama da fazenda ;  
Vinte annos tinha ; e na provincia toda  
Não havia mestiça mais á moda,  
Com suas roupas de cambraia e renda.

Captiva, não entrava na senzala,  
Nem tinha mãos para trabalho rude ;  
Desbrochava-lhe a sua juventude  
Entre carinhos e affeições de sala.



Era cria da casa. A sinhá moça,  
Que com ella brincou sendo menina,  
Sôbre todas amava ésta Sabina,  
Como esse ingenuo e puro amor da roça.

Dizem que á noite, a suspirar na cama,  
Pensa n'ella o feitor ; dizem que um dia,  
Um hóspede que alli passado havia,  
Poz um cordão no collo da mucama.

Mas que vale uma joia no pescoço ?  
Não pôde haver o coração da bella.  
Se alguém lhe accende os olhos de gazella,  
É pessoa maior : é o senhor moço.

—

Ora, Octavio cursava a Academia.  
Era um lindo rapaz ; a mesma idade  
Co'as passageiras flores o adornava  
De cujo extincto aroma inda a memoria  
Vive na tarde pallida do outomno.  
Oh! vinte annos ! O' pombas fugifivas



Da primeira estação, porque tão cedo  
Voaes de nós ? Pudesse ao menos a alma  
Guardar comsigo as illusões primeiras,  
Virgindade sem preço, que não paga  
Essa descolorida, arida e sêcca  
Experiencia do homem !

—

Vinte annos

Tinha Octavio, e a belleza e um ar de côrte  
E o gesto nobre, e seductor o aspecto ;  
Um vero Adonis, como aqui diria  
Algum poeta classico, d'aquella  
Poesia que foi nobre, airosa e grande  
Em tempos idos, que ainda bem se foram...  
Tambem eu a adorei, uma hora ao menos,  
E suspirei d'estes remotos climas  
Pelas formosas ribas do Scamandro,  
Onde descia, entre soldados gregos,  
A moça Venus ; frivolo suspiro  
Que não pode accordar dos seus sepulchros  
Esses numes brincões da velha idade,  
Mortos por seus peccados, — que os tiveram,  
E por socego nosso. Eram amaveis

E bellos no seu tempo ; hoje fariam  
Egual papel ao do tardio máscara  
Que, ao desdobrar a aurora os pannos de ouro,  
Entre madrugadores se aventura.

---

Cursava a Academia o moço Octaviô ;  
Ia no anno terceiro : não remoto  
Via desenrolar-se o pergaminho,  
Premio de seus labôres e fadigas ;  
E uma vez bacharel, via mais longe  
Os curvos braços da feliz cadeira  
D'onde o legislador a redea empunha  
Dos lepidos frisões do Estado. Emitanto,  
Sôbre os livros de estudo, gota a gota  
As horas despendia, e trabalhava  
Por metter na cabeça o jus romano  
E o patriô jus. Nas suspiradas ferias  
Volvia ao lar paterno ; ali no dorso  
De brioso corsel corria os campos,  
Ou, arma ao hombro, polvorinho ao lado,  
Á caça dos veados e cotias,  
Ia matando o tempo. Algumas vezes  
Com o padre vigario se entretinha

Em desfiar um ponto de intrincada  
Philosophia, que o senhor de engenho,  
Feliz pae, escutava glorioso,  
Como a rever-se no brilhante aspecto  
Do suas ricas esperanças.

—

Era

Manhã de estio; erguera-se do leito  
Octavio ; em quatro sorvos toda esgota  
A taça de café. Chapeo de palha,  
E arma ao hombro, lá foi terreiro fóra,  
Passarinhar no matto. Lá costeando  
O arvoredado que além beirava o rio,  
A passo curto, e o pensamento á larga,  
Como leve andorinha que sahisse  
Do ninho, a respirar o hausto primeiro  
Da manhã. Pela aberta da folhagem,  
Que inda não doura o sol, uma figura  
Deliciosa, um busto sôbre as ondas  
Suspende o caçador. Mãe d'agua fóra,  
Talvez, se a côr de seus quebrados olhos  
Imitasse a do ceu : se a tez morena,  
Morena como a espôsa dos Cantares,

Alva tivesse ; e raios de ouro fossem  
Os cabellos da côr da noite escura,  
Que ali soltos e humidos lhe caem,  
Como um veu sôbre o collo. Trigueirinha,  
Cabello negro, os largos olhos brandos  
Côr de jaboticaba, quem seria,  
Quem, senão a mucama da fazenda,  
Sabina, emfim ? Logo a conhece Octavio,  
E n'ella os olhos espantados fita  
Que desejos accendem. — Mal cuidando  
D'aquelle extranho curioso, a virgem  
Com os ligeiros braços rompe as aguas,  
E ora toda se esconde, ora ergue o busto,  
Talhado pela mão da natureza  
Sôbre modêlo classico. Na opposta  
Riba suspira um passarinho ; e o canto,  
E a meia luz, e o sussurrar das aguas,  
E aquella fada ali, tão doce vida  
Davam ao quadro, que o ardente alumno  
Trocára por aquillo, uma hora ao menos,  
A Faculdade, o pergaminho e o resto.

---

Subito erige o corpo a ingenua virgem ;  
Com as mãos, os cabellos sôbre a espadua

Deita, e rasgando lentamente as ondas,  
Para a margem caminha, tão serena,  
Tão livre como quem de extranhos olhos  
Não suspeita a cubiça... Veu da noute,  
Se lh'os cubrira, dissipára acaso  
Uma história de lagrymas. Não póde  
Furtar-se Octavio á commoção que o toma ;  
A clavina que a esquerda mal sustenta  
No chão lhe cae ; e o baque surdo accorda  
A descuidada nadadora. Ás ondas  
A virgem torna. Rompe Octavio o espaço  
Que os divide ; e de pe, na fina areia,  
Que o molle rio lambe, erecto e firme,  
Todo se lhe descobre. Um grito apenas  
Um so grito, mas-unico, lhe rompe  
Do coração ; terror, vergonha... e acaso  
Prazer, prazer mysterioso e vivo  
De captiva que amou silenciosa,  
E que ama e ve o objecto de seus sonhos,  
Ali com ella, a suspirar por ella.

—

« Flor da roça nascida ao pe do rio,  
Octavio começou — talvez mais bella



Que essas bellezas cultas da cidade,  
Tão cobertas de joias e de sedas,  
Oh ! não me negues teu suave aroma !  
Fez-te captiva o berço ; a lei somente  
Os grilhões te lançou ; no livre peito  
De teus senhores tens a liberdade,  
A melhor liberdade, o puro affecto  
Que te elegeu entre as demais captivas,  
E de affagos te cobre ! Flor do matto,  
Mais viçosa do que essas outras flores  
Nas estufas criadas e nas salas,  
Rosa agreste nascida ao pe do rio  
Oh ! não me negues teu suave aroma ! »

---

Disse, e da riba os cubiçosos olhos  
Pelas aguas estende, emquanto os d'ella,  
Cobertos pelas palpebras medrosas  
Choram, — de gôsto e de vergonha a um tempo, —  
Duas unicas lagrymas. O rio  
No seio as recebeu ; comsigo as leva,  
Como gottas de chuva, indifferente  
Ao mal ou bem que lhe povoa a margem ;  
Que assim a natureza, ingenua e docil

Às leis do Creador, perpétua segue  
Em seu mesmo caminho, e deixa ao homem  
Padecer e saber que sente e morre.

---

Pela azulada esfera inda tres vezes  
A aurora as flores derramou; e a noite  
Vezez tres a mantilha escura e larga  
Mysteriosa cingiu. Na quarta aurora,  
Anjo das virgens, anjo de azas brancas,  
Pudor, onde te foste? A alva capella  
Murcha e desfeita pelo chão lançada,  
Coberta a face do rubor do pêjo,  
Os olhos com as mãos velando, alçaste  
Para a Eterna Pureza o eterno voo.

---

Quem ao tempo cortar pudera as azas  
Se deleitoso voa? Quem pudera  
Suster a hora abençoada e curta  
Da ventura que foge, e sôbre a terra  
O gôzo transportar da eternidade?  
Sabina viu correr tecidos de ouro  
Aquelles dias unicos na vida



Toda enlevo e paixão, sincera e ardente  
N'esse primeiro amor d'alma que nasce  
E os olhos abre ao sol. Tu lhe dormias,  
Consciencia ; razão, tu lhe fechavas  
A vista interior ; e ella seguia  
Ao sabor dessas horas mal furtadas  
Ao captiveiro e á solidão, sem vel-ò  
O fundo abysmo tenebroso e largo  
Que a separa do eleito de seus sonhos,  
Nem presentir a brevidade e a morte !

---

E com que olhos de pena e de saudade  
Viu ir-se um dia pela estrada fóra  
Octavio ! Aos livros torna o moço alumno,  
Não cabisbaixo e triste, mas sereno  
E lepido. Com ella a alma não fica  
De seu joven senhor. Lagryma pura,  
Muito embora de escrava, pela face  
Lentamente lhe rola, e lentamente  
Toda se esvae n'um pallido sorriso  
De mãe.

---

Sabina é mãe ; o sangue livre

Gyra e palpita no captivo seio  
E lhe paga de sobra as dores cruas  
Da longa ausencia. Uma por uma, as horas  
Na solidão do campo hade contal-as,  
E suspirar pelo remoto dia  
Em que o veja de novo... Pouco importa,  
Se o materno sentir compensa os males.

---

Riem-se d'ella as outras ; é seu nome  
O assumpto do terreiro. Uma invejosa  
Acha-lhe uns certos modos singulares  
De senhora de engenho ; um pagem moço,  
De cubiça e ciume devorado,  
Desfaz nas graças que em silêncio adora  
E comsigo medita uma vingança.  
Entre os parceiros, desfiando a palha  
Com que entrança um chapeu, solememente  
Um Cassange ancião refere aos outros  
Alguns casos que viu na mocidade  
De captivas amadas e orgulhosas,

Castigadas do ceu por seus peccados,  
Mortas entre os grilhões do captiveiro.

---

Assim fallavam elles ; tal o aresto  
Da opinião. Quem evita-o pôde  
Entre os seus, por mais baixo que a fortuna  
Haja tecido o berço ? Assim fallavam  
Os captivos do engenho ; e porventura  
Sabina o soube e o perdoou.

---

#### Volveram

Apos os dias da saudade os dias  
Da esperança. Ora, quiz fortuna adversa  
Que o coração do moço, tão voluvel  
Como a brisa que passa ou como as ondas,  
Nos cabellos castanhos se prendesse  
De donzella gentil, com quem atára  
O laço conjugal : uma belleza  
Pura, como o primeiro olhar da vida,  
Uma flor desbrochada em seus quinze annos,  
Que o moço viu n'um dos serões da côrte

E captivo adorou. Que ha de fazer-lhes  
Agora o pae? Abençoar os noivos  
E ao regaço trazel-os da familia.

---

Oh longa foi, longa e ruidosa a festa  
Da fazenda, por onde alegre entrara  
O moço Octavio conduzindo a esposa.  
Viu-os chegar Sabina, os olhos seccos  
Attonita e pasmada. Breve o instante  
Da vista foi. Rapido foge. A noite  
A seu trémulo pe não tolhe a marcha ;  
Voa, não corre ao malfadado rio,  
Onde a voz escutou do amado moço.  
Ali chegando : « Morrerá commigo  
O fructo de meu seio ; a luz da terra  
Seus olhos não verão ; nem ar da vida  
Hade aspirar... »

---

Ia a cair nas aguas,  
Quando subito horror lhe toma o corpo ;  
Gelado o sangue e trémula recua,  
Vacilla e tomba sôbre a relva. A morte

Em vão a chama e lhe fascina a vista ;  
Vence o instinto de mãe. Erma e calada  
Ali ficou. Viu-a jazer a lua  
Largo espaço da noite ao pe das aguas,  
E ouviu-lhe o vento os tremulos suspiros ;  
Nenhum d'elles, comtudo, o disse á aurora.

---

## ULTIMA JORNADA

Ils croyent les ames eternelles, et celles  
qui ont bien merité des dieux estre logees  
à l'endroit du ciel où le soleil se leve; les  
mauldictes, du costé de l'occident.

MONTAIGNE, *Essais*, liv, 1 c. xxx.

### I

E ella se foi n'esse clarão primeiro,  
Aquella espôsa misera e ditosa ;  
E elle se foi o perfido guerreiro.



Ella serena ia subindo e airosa,  
Elle á fôrça de incognitos pesares  
Dobra a cerviz rebelde e luctuosa.

Iam assim, iam cortando os ares,  
Deixando em baixo as fertiles campinas,  
E as florestas, e os rios e os palmares.

Oh ! candidas lembranças infantinas !  
Oh ! vida alegre da primeira taba !  
Que aurora vos tomou, ayes divinas ?

Como um tronco do matto que desaba,  
Tudo cahiu ; lei barbara e funesta :  
O mesmo instante cria e o mesmo acaba.

De esperanças tamanhas o que resta ?  
Uma história, uma lagryma chorada  
Sôbre as últimas ramas da floresta.

A flor do ipê a viu brotar maguada,  
E talvez a guardou no seio amigo,  
Como lembrança da estação passada.



Agora os dous, deixando o bosque antigo,  
E as campinas, e os rios e os palmares,  
Para subir ao derradeiro abrigo,  
Iam cortando lentamente os ares.

## II

E elle clamava á moça que ascendia :

« — Oh ! tu que a doce luz eterna levas,  
E vas viver na região do dia,

« Ve como rasgam barbaras e sevas  
As tristezas mortaes ao que se afunda  
Quasi na fria região das trevas !

« Olha esse sol que a criação inunda !  
Oh quanta luz, oh quanta doce vida  
Deixar-me vae na escuridão profunda !

« Tu ao menos perdoa-me, querida !  
Suave espôsa, que eu ganhei roubando,  
Perdida agora para mim, perdida !

Ao maldito na morte, ao miserando,  
Que mais lhe resta em sua noite impura ?  
Sequer allivio ao coração nefando.

« Nos olhos trago a tua morte escura.  
Foi meu odio cruel que ha decepado,  
Ainda em flor, a tua formosura.

« Mensageiro de paz, era enviado  
Um dia á taba de teus paes, um dia  
Que melhor fôra se não fôra nado.

Ali te vi ; ali, entre a alegria  
De teus fortes guerreiros e donzellas,  
Teu doce rosto para mim sorria.

« A mais bella eras tu entre as mais bellas,  
Como no ceu a creadora lua  
Vence na luz as vividas estrellas.

« Gentil nasceste por desgraça tua ;  
Eu covarde nasci ; tu me seguiste ;  
E ardeu a guerra desabrida e crua.

« Um dia o rosto carregado e triste  
A taba de teus paes volveste, o rosto  
Com que alegre e feliz d'ali fugiste.

« Tinha expirado o passageiro gôsto,  
Ou o sangue dos teus, correndo a fio,  
Em teu seio outro affecto havia posto.

« Mas, ou fôsse remorso, ou ja fastio,  
Ias-te agora leve e descuidada,  
Como folha que o vento entrega ao rio.

« Oh ! corça minha fugitiva e amada !  
Anhangá te guiou por mau caminho,  
E a morte poz na minha mão fechada.

« Feriu-me da vingança agudo espinho ;  
E fiz-te padecer tão cruas penas,  
Que inda me doe o coração mesquinho.

« Ao contemplar aquellas tristes scenas,  
Aa aves, de piedosas e sentidas,  
Chorando foram sacudindo as pennas.

« Não viu o cedro ali correr perdidas  
Lagrymas de materno amado seio ;  
Viu somente morrer a flor das vidas.

« O que mais houve da floresta em meio  
O sinistro expectaculo, de certo  
Nenhum extranho contemplal-o veiu.

« Mas, se alguém penetrasse no deserto  
Vira-cahir pesadamente a massa  
Do corpo do guerreiro ; e o craneo aberto,

« Como se fôra derramada taça,  
Pela terra jazer, ali chamando  
O feio grasno do urubú que passa.

« Em vão a arma do golpe irão buscando,  
Nenhuma houve ; nem guerreiro ousado  
A tua morte ali foi castigando

« Talvez, talvez Tupan, desconsolado,  
A pena contemplou maior do que era  
O delicto ; e de colera tomado,

« Ao mais alto dos Andes estendêra  
O forte braço, e da arvore mais forte  
A setta e o arco vingador colhêra ;

« As pontas lhe dobrou, da mesma sorte  
Que o junco dobra, sussurrando o vento,  
E de um so tiro lhe enviou a morte. »

Ia assim suspirando este lamento,  
Quando subitamente a voz lhe cala,  
Como se a dor lhe suffocára o alento.

No ar se perdêra a lastimosa falla,  
E o infeliz, condemnado à noite escura,  
Os dentes range e treme de enconral-a.



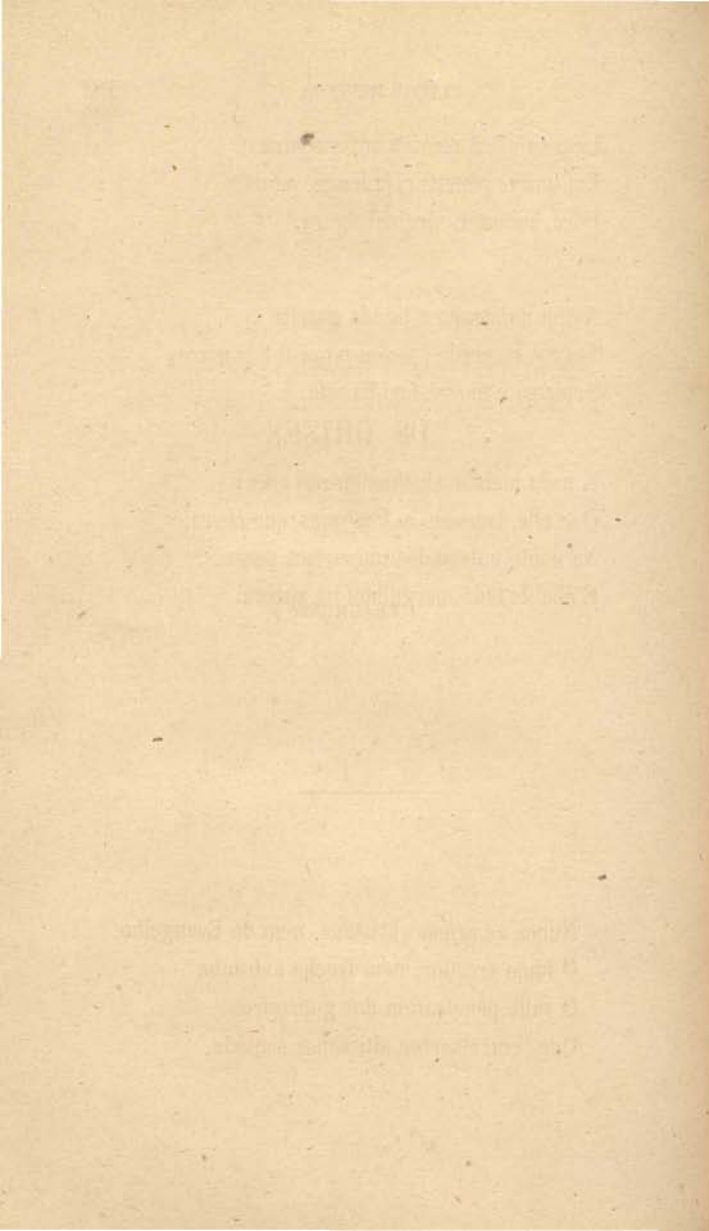
Leva os olhos na viva aurora pura  
Em que ve penetrar, ja longe, aquella  
Doce, mimosa, virginal figura.

Assim no campo a timida gazella  
Foge e se perde ; assim no azul dos mares .  
Some-se e morre fugidia vela.

E nada mais se viu fluctuar nos ares ;  
Que elle, bebendo as lagrymas que chora,  
Na noute entrou dos immortaes pesares,  
E ella de todo mergulhou na aurora.

---





# OS ORISES

( FRAGMENTO )

## I

Nunca as armas christans, nem do Evangelho  
O lume creador, nem frecha extranha  
O valle penetraram dos guerreiros  
Que, entre serros altissimos sentado,

Orgulhoso descança. Unico o vento,  
Quando as azas desprega impetuoso,  
Os campos varre e as selvas estremece,  
Um pouco leva, ao recatado asylo,  
Da poeira da terra. Acaso o raio  
Alguma vez nos asperos penedos,  
Com fogo escreve a assolação e o susto.  
Mas olhos de homem, não ; mas braço affeito  
A pleitear na guerra, a abrir ousado  
Caminho entre a espessura da floresta,  
Não affrontára nunca os atrevidos  
Muros que a natureza a pino erguêra  
Como eterna atalaia.

II

Um povo indocil

Nessas brenhas achou ditosa patria,  
Livre, como o rebelde pensamento  
Que ímpia fôrça não doma, e airoso volve  
Inteiro á eternidade. Guerra longa  
E porfiosa os adestrou nas armas ;  
Rudes são nos costumes mais que quantos  
Ha criado este sol, quantos na guerra

O tacape meneiam vigoroso.  
So nas festas de plumas se atavam  
Ou na pelle do tigre o corpo envolvem,  
Que o sol queimou, que a rispidez do inverno  
Endureceu como os robustos troncos  
Que so verga o tufão. Tecer não usam  
A preguiçosa rede em que se embale  
O corpo fatigado do guerreiro,  
Nem as tabas erguer como outros povos ;  
Mas á sombra das árvores antigas,  
Ou nas medonhas cavas dos rochedos,  
No duro chão, sobre mofinas hervas,  
Acham somno de paz, jamais tolhido  
De ambições, de remorsos. Indomavel  
Essa terra não é ; prompto lhes volve  
O semeado pão ; vecejam flores  
Com que a rudez tempera a extensa matta,  
E o fructo pende dos curvados ramos  
Do arvored. Harta messe do homem rude,  
Que tem na ponta da farpada setta  
O pesado tapir, que lhes não foge,  
Nhandu, que á flor de terra inquieta voa,  
Sobejo pasto, e deleitoso e puro  
Da selvagem nação. Nunca vaidade  
De seu nome souberam, mas a fôrça,

Mas a destreza do provado braço  
Os foros são do imperio a que hão sujeito  
Todo aquelle sertão. Murmuram longe,  
Contra elles, as gentes debelladas  
Vingança e odio. Os echos repetiram  
Muita vez a pocema de combate ;  
Nuvens e nuvens de afiadas settas  
Todo o ar cobriram ; mas o extremo grito  
Da victoria final so delles fôra.

### III

Despem armas de guerra ; a paz os chama  
E o seu barbaro rito. Alveja perto  
O dia em que primeiro a voz levante  
A ave sagrada, o nume de seus bosques,  
Que de agouro chamamos, Cupuaba  
Melancholica e feia, mas ditosa  
E benefica entre elles. Não se curva m



Ao nome de Tupan, que a noite e o dia  
No ceu reparte, e ao rispido guerreiro  
Guarda os sonhos do Ybake e eternas dansas.  
Seu deus unico é ella, a bembaseja  
Ave amada, que os campos despoeva  
Das venenosas serpes, —viva imagem  
Do tempo vingador, lento e seguro,  
Que as calúmnias, a inveja e o odio apagam,  
E ao conspurcado nome o alvor primeiro  
Restitue. Uso é delles celebrar-lhe  
Com festas o primeiro e o extremo canto.

IV

Terminára o cruento sacrificio.  
Ensopa o chão da dilatada selva  
Sangue de caïetus, que o pio intento  
Largos mezes cevou ; barbara usança  
Tambem de alheios climas. As donzellas,  
Mal sahidas da infancia, inda embebidas  
Nos ledos jogos de primeira idade,  
Ao brutal sacrificio... Qh! cala, esconde,  
Labio christão, mais barbaro costume.

Agora a dança, agora alegresinhos,  
Trez dias ha que de inimigos povos  
Esquecidos os trazem. Sôbre um tronco  
Sentado o chefe, carregado o rosto,  
Inquieto o olhar, o gesto pensativo,  
Como alheio ao praser, de quando em quando  
À multidão dos seus a vista alonga,  
E um rugido no peito lhe murmura.

Quem a fronte enrugára do guerreiro ?  
Inimigo não foi, que o medo nunca  
O sangue lhe esfriou, nem vão receio  
Da batalha futura o desenlace  
Lhe fez incerto. Intrepidus como elle  
Poucos vira este ceu. Seu forte braço,  
Quando vibra o tacape nas pelepas,  
De rasgados cadaveres o campo  
Inteiro alastra, e ao peito do inimigo,  
Como um grito de morte a voz lhe soa.  
Nem so nas gentes o terror infunde ;  
É fama que em seus olhos côr da noite,  
Inda creança, um genio lhe deixára  
Mysteriosa luz, que as fôrças quebra  
Da onça e do jaguar. Certo é que um dia  
(A tribu o conta, e seus pagés o juram)  
Um dia em que, do filho acompanhado,  
Ia costeando a orla da floresta,  
Um possante jaguar, escancarando  
A bocca, em frente do famoso chefe  
Estacára. De longe um grito surdo  
Sólta o joven guerreiro ; logo a setta  
Embebe no arco, e o tiro sibilante  
Ia ja disparar, quando de assombro  
A mão lhe afrouxa a distendida corda.

A fera o collo timida abatêra,  
Sem ousar despregar os fulvos olhos  
Dos olhos do inimigo. Ureth ousado  
Arco e frechas atira para longe,  
A massa empunha, e lento, e lento avança ;  
Tres vezes volteando a arma terrivel,  
Enfim despede o golpe ; um grito apenas.  
Unico atroa o solitario campo,  
E a fera jaz, e o vencedor sôbre ella.

---

2170

NOTAS





## NOTAS

### Nota A

POTYRA ..... pag. 5

Simão de Vasconcellos não declara o nome da india, cuja acção refere em sua *Chronica*.

Achei que não foi o caso desta tamoya o unico em que tão galhardamente se manifestou a fidelidade conjugal e christã.

O padre Anchieta, na carta escripta ao padre-mestre Laynez, a 16 de Abril de 1563, menciona o exemplo de uma india, mulher de um colono, a qual, depois de lh'o matarem os indios, cahiu em poder destes, cujo Principal a quiz violentar. Ella resistiu e desapareceu. Os indios fizeram correr a voz de que se matára; Anchieta suppõe que elles mesmos lhe tiraram a vida. Caso analogo é referido pelo padre João Daniel (*Thesouro descoberto no Amazonas*, p. 2.<sup>a</sup>, cap. III); essa chamava-se Esperança e era da aldêa de Cabu.

### Nota B

A nascente cidade brasileira..... pag. 7

A villa de S. Vicente.

## Nota C

Conduz nos braços tremulos a moça  
Que renegou Tupan..... pag. 8

Tinham os indios a religião monotheista que a tradicção lhes attribue? Nega-o positivamente o Sr. Dr. Couto de Magalhães em seu excellente estudo acerca dos selvagens, asseverando nunca ter encontrado a palavra *Tupan* nas tribus que frequentou, e ser inadmissivel a ideia de tal deus, no estado rudimentario dos nossos aborigenes.

O Sr. Dr. Magalhães restitue aos selvagens a theogonia verdadeira. Não integralmente, mas so em relação ao sol e á lua (*Coaracy e Jacy*), acho noticia della no *Thesouro* do padre João Daniel (citado na nota A); e o que então faziam os indios, quando apparecia a lua nova, me serviu á composição que vae incluída neste livro ( pag. 155 ).

Sem embargo das razões allegadas pelo Sr. Dr. Magalhães, que todas são de incontestavel procedencia, conservei Tupan nos versos que ora dou a lume; fil-o por ir com as tradicções litterarias que achei, tradicções que nada valem no terreno da investigação scientifica, mas que tem por si o serem acceitas e haverem adquirido um como direito de cidade.

## Nota D

Quando ferve o cauim..... pag. 22

É ocioso explicar em notas o sentido desta palavra e de outras, como *pocema*, *mussurana*, *tangapema*, *kanitar*, com as quaes

todo o leitor brasileiro está já familiarisado, graças ao uso que dellas teem feito poetas e prosadores. É também desnecessario fundamentar com trechos das chronicas a scena do sacrificio do prisioneiro, na estancia XI ; são cousas comesinhas.

### Nota E

As azas colhe  
Guanumby, e o aguçado bico embebe  
No tronco, onde repousa adormecido  
Até que volte uma estação de flores. pag. 26

Simão de Vasconcellos (*Not. do Bras.* liv. 2.º) citando Maregraff e outros autores, conta, como verdadeira, a fabula a que alludem estes versos. Aproveitou-se d'ali uma comparação poetica : nada mais.

### Nota F

Cova funda  
Da terra, mãe commum..... pag. 30

Veja G. DIAS, *Ult. Cant.*, pag. 159 :

... Quando o meu corpo  
À terra, mãe commum...

## Nota G

Inutil foges : gavião te espreita..... pag. 37

*Anagé*, na lingua geral, quer dizer gavião.

## Nota H

De não sabido bardo

Estes gemidos são..... pag. 44

Não sabido, ainda hoje o digo sem armar à contestação dos benevolos. Mas havia uma razão mais para escrever aquellas palavras quando compuz este pequeno poema; destinava-o á publicação anonyma, o que se verificou nas columnas do *Jornal do Commercio* em Junho e Agosto de 1870, tendo por assignatura um simples Y.

## Nota I

Panenioxe é guerreiro

Da velha, dura nação..... pag. 51

Tratando de descobrir a significação de *Panenioxe*, conforme escreve Rodrigues Prado, apenas achei no escasso vocabulario guaycurú, que vem em Ayres do Casal, a palavra *nioxe* traduzida



por jacaré. Não pude accertar com a significação do primeiro membro da palavra, *pane*; ha talvez relação entre elle e o nome do rio Ypané.

### Nota J

Cayavaba ha ja sentido

A sua lança e facão... ..... pag. 51

« Estas duas armas (lança e facão) tem sido tomadas aos portuguezes e hespanhóes, e algumas compradas a estes que inadvertidamente lh'as tem vendido » (RODR. PRADO, *Hist. dos Ind. Cav.*).

### Nota K

Niani ao melhor delles

Não dera o seu coração..... pag. 52

Nanine é o nome transcripto na *Hist. dos Ind. Cav.* Na lingua geral temos *niaani*, que Martius traduz por *infans*. Ésta fórma pareceu mais graciosa; e não duvidei adoptal-a, desde que o meu distincto amigo, Dr. Escragnolle Taunay, me asseverou que, no dialecto guaycurú, de que elle ha feito estudos, *niani* exprime a ideia de *moça franzina, delicada*, não lhe parecendo que exista a fórma empregada na monographia de Rodrigues Prado.

## Nota L

Limpo sangue tem o noivo,  
Que é filho do capitão..... pag. 52

Os Guaycurús dividem-se em nobres, plebeus ou soldados, e captivos. Do proprio texto que me serviu para ésta composição se ve até que ponto repugna aos nobres toda a alliança com pessoas de condição inferior.

A este proposito direi a anedocta que me foi referida por um distincto official da nossa armada, o capitão de fragata Sr. Henrique Baptista, que em 1857 esteve no Paraguay commandando o *Japorá*, entre o forte Coimbra e o estabelecimento Sebastopol. Ia muita vez a bordo do *Japorá* um chefe guaycurú, Capitãosinho, muito amigo da nossa officialidade. Tinha elle uma irmã, que outro chefe guaycurú, Lapagata, cortejava e desejava receber por espôsa. Lapagata recebêra o titulo de capitão das mãos do presidente de Matto-Grosso. Oppunha-se com todas as forças ao enlace o Capitãosinho. Um dia, perguntando-lhe o Sr. H. Baptista porque motivo não consentia no casamento da irmã com Lapagata, respondeu o altivo Guaycurú:

— Opponho-me, porque eu sou capitão por herança de meu pae, que ja o era por herança do pae delle. Lapagata é capitão de papel.



## Nota M

A bocayuva tres vezes

No tronco amadureceu..... pag. 55

As bocayuvas servem de alimento aos Guaycurús; nas proximidades de sazouarem os cocos fazem elles grandes festas. (Veja CASAL e PRADO).

## Nota N

Collar de prata não usa

Como usava de trazer;

Pulseiras de finas contas

Todas as veiu a romper.... pag. 57

Taes eram os adornos das mulheres guaycurús. (Veja PRADO, CASAL e D'AZARA).

## Nota O

Pintam-n'a de vivas côres

E lhe lançam um collar.... pag. 61

«As moças ricas vão enfeitadas, como se ornariam para o proprio noivado.» (AYRES DO CASAL, *Corog.*, 280).

## Nota P

## Aguas santas

De Cedron ! Ja talvez o sol que passa,  
 E ve nascer e ve morrer as flores,  
 Todas no leito vos seccou..... pag. 66

Cedron, como se sabe, é o nome da torrente que atravessa o valle de Josaphat. Le-se em Chateaubriand que durante uma parte do anno fica sêcca ; por occasião de temporaes ou nas primaveras chuvosas róla umas aguas avermelhadas.

## Nota Q

## Oleo que a unge,

Finas telas que a vestem, atavios  
 De ouro e prata que o collo e os braços lhe ornam,  
 E a flor de trigo e mel de que se nutre,  
 Sonhos, são sonhos do propheta.... pag. 76

Allude a um trecho do propheta Daniel :

« 9 — E lavei-te na agua, e alimpei-te do teu sangue : e te ungi com um oleo :

« 13 — E foste enfeitada de ouro e prata, e vestida de linho e de roupas bordadas, e de diversas cores : nutriste-te da farinha e de mel e de azeite; e foste mui aformoseada em extremo. » ( DANIEL, XV. ).

## Nota R

A delicada virgem

Que entre os rios nasceu..... pag. 95

Rebecca, filha da Mesopotamia.

## Nota S

O hardido Bento..... pag. 99

Bento do Amaral Gurgel, que dirigiu a companhia de estudantes por occasião daquella e da seguinte invasão, em 1711.

## Nota T

Israel tem vertido

Um mar de sangue. Embora! á tona delle

Verdeja a nossa fe..... pag. 113

Angela pratica o inverso daquelle conselho attribuido aos rabbinos de Constantinopla, respondendo aos judeus de Hespanha, isto é, que baptisassem os corpos, conservando as almas firmes na Lei. Angela conserva o baptismo da alma, e entrega o corpo ao supplicio como se fôsse verdadeiramente judeu. Nega a fe com os labios, confessando-a no coração: maneira de

conciliar o sentimento christão e a piedade filial. Era mais orthodoxo, de certo, confessar publicamente a fe, sem nenhum respeito humano ; cumpre observar, porém, que isto é uma composição poetica, não um compendio de doutrinas moraes.

### Nota U

JOSÉ BONIFACIO..... pag. 123

Compuz estes versos por occasião de ser inaugurada a estatua do patriarcha da Independencia, em 7 de Setembro de 1873

Pediu-m'os o Sr. Commendador J. Norberto de S.S., illustrado vice-presidente do Instituto Historico e membro da commissão que promovêra aquelle monumento. Não podia haver mais agradavel tarefa do que ésta de prestar homenagem ao honrado cidadão, cujo nome a história conserva ligado ao do Fundador do Imperio.

### Nota V

E Anhangá fez contrarios..... pag. 134

A verdadeira pronúncia desta palavra é *an-hanga*. É outro caso (Veja a nota C) em que fui antes com a maneira corrente e commum na poesia.

## Nota X

CANTIGA DO ROSTO BRANCO..... pag. 134

Não é original ésta composição ; o original é propriamente indigena. Pertence á tribu dos Mulcogulges, e foi traduzida da lingua delles por Chateaubriand ( *Voy. dans l'Amer.* ). Tinham aquelles selvagens fama de poetas e musicos, como os nossos Tamoyos. « Na terceira noite da festa do milho, lê-se no livro de Chateaubriand, reúnem-se no logar do conselho; e disputam o premio do canto. O premio é conferido pelo chefe e por maioria de votos : é um ramo de carvalho verde. Concorrem as mulheres tambem, e algumas têm sahido vencedoras ; uma de suas odes ficou celebre. »

A ode celebre é a composição que trasladei, para a nossa lingua. O titulo na traducção em prosa de Chateaubriand é — *Chanson de la chair blanche.*

Sôbre o talento das mulheres para a poesia, tambem o tivemos em tribus nossas. Veja FERNÃO CARDIM, *Narrativa de uma viagem e missão.*

## Nota Y

Os SEMEADORES..... pag. 149

Il y aurait une fort grande injustice à juger les jesuites du seizième siècle et leurs travaux, d'après les idées que peut ins-



pirer le système suivi dans les missions. Lá on peut voir des projets ambitieux s'allier à des vues habiles : dans les premiers travaux executés par les pères de la compagnie, au Brésil, tout fut desinteressé ; et au besoin, le récit de leurs souffrances pourrait le prouver ( F. DÊNIS, *Le Brésil* ).

### Nota Z

LUA NOVA..... pag. 155

Veja nota C

«...E na verdade tem occasiões em que festejam muito a lua, como quando apparece nova ; porque então sahem de suas choupanas, dão saltos de prazer, saudam-n'a e dão-lhe as boas vindas. ( JOÃO DANIEL *Thes. descob. no Amaz.*, part. 2.<sup>a</sup>, cap. X ).

### Nota AA

ULTIMA JORNADA..... pag. 173

Não me recordo de haver lido nos velhos escriptos sôbre os nossos aborigenes a crença que Montaigne lhes attribue acerca das almas boas e más. Este grande moralista tinha informações geralmente exactas a respeito dos indios ; e a crença de que tratamos traz certamente um ar de verosmi-lhança. Não foi so isso o que me induziu a fazer taes versos ; mas também o que achei poetico e gracioso na abusão.

## Nota BB

Os ORIZES ..... pag. 183

Tinha planeado uma composição de dimensões maiores, e não a levei a cabo, por intervirem outros trabalhos, que de todo me divertiram a atenção. Foi o nosso eminente poeta e litterato Porto Alegre, hoje barão de Santo Angelo, quem, ha cêrca de 4 annos, me chamou a atenção para a relação de Monterroyo Mascarenhas, *Os Orizes conquistados*, que vem na *Rev. do Inst. Hist.*, t. VIII.

A asperesa dos costumes daquelle povo, habitante do sertão da Bahia, cêrca de duzentas legoas da capital, sua rara energia, as circumstâncias singulares da conquista e conversão da tribu, eram certamente um quadro excellente para uma composição poetica. Ficou em fragmento, que ainda assim não quiz excluir do livro.

## Nota CC

A ave sagrada, o nume de seus bosques,  
Que de agouro chamamos, Cupuaba,  
Melancholica e feia, mas ditosa  
E benefica entre elles..... pag. 188

« Lastimosamente cegos de discurso, reconhecem e adoram por deus a coruja, chamada na sua linguagem *Oitipô-cupuaba*;

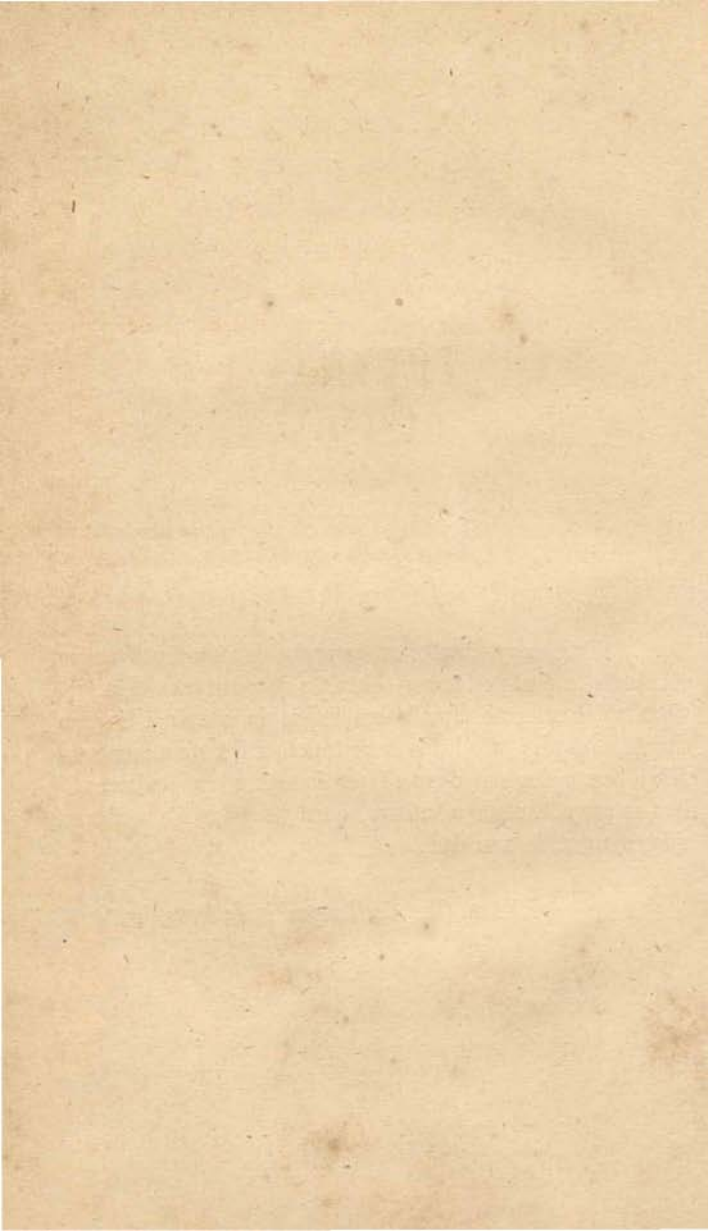


e o motivo de sua adoração consiste no beneficio que recebem desta ave, que, naturalmente inimiga das cobras, numerosissimas naquelle paiz, as espia nos mattos, e lhes tira a vida. »  
( J. F. MONTERROYO MASCARENHAS, *Os Orizes conquistados* ).

---

## INDICE

ADVERTENCIA. . . . .	pag. V
Potyra. . . . .	3
Niani. . . . .	47
A Christã Nova. . . . .	63
José Bonifacio. . . . .	121
A visão de Jaciuca. . . . .	127
Cantiga do rosto branco. . . . .	137
A Gonçalves Dias. . . . .	141
Os Semeadores. . . . .	149
A flor de embiroçu . . . . .	151
Lua Nova. . . . .	155
Sabina. . . . .	159
Ultima jornada. . . . .	173
Os Orizes. . . . .	188
NOTAS. . . . .	197



## ERRATA

Pag.	linha	Erro	emenda
44	1 <sup>a</sup>	XVII	XVI
160	4 <sup>a</sup>	como	com